Coelho Netto

COELHO NETTO

Nasceu em Caxias (Maranhão) em 20 de Fevereiro 1864. E' hoje o prosador mais illustre do Brazil. A sua obra triumpha pela sua belleza e pela sua opulencia, é das mais applaudidas e enraizadas. Nos seus livros ha sempre um escriptor millionario, cuja prosa lembra um thesouro inexhaurivel de pedras preciosas. Na sua obra fecunda e admiravel, ha phantasia, piedade e ardor. Na galeria das suas figuras passam algumas maravilhosamente esculpidas. Não é um mero analysta, apesar de excelso: o pintor é magnifico e o poeta vae cantando, na propria abundancia e graça da sua flora, maravilhosamente d'oiro e sangue! Grande romancista e inegualavel contista, tem artigos de critica, phantasia, ritornellos e balladas, toda a escala chromatica, resplandecente e poetica d'um escriptor de raça, laborioso e forte. Hoje a obra de Coelho Netto é conhecida em todos os recantos onde se falla a lingua portugueza, graças ás edições lançadas no mercado pela Livraria Chardron.

VICENTE DE CARVALHO

Poemas e Canções, 1 vol. $60
Versos da Mocidade. 1 vol. $60

SILVIO ROMERO

Discursos, 1 vol. $50
Martins Pena, 1 vol. $40
América Latina, 1 vol.... ... ... $50
Provocações e debates (artigos, cartas públicas e discursos), 1 vol. $80
Quadros sintéticos, 1 vol. $30

ALFREDO VARELA

Revoluções Cisplatinas, 2 vol. ... ... 3$50

EUCLIDES DA CUNHA

A' margem da história, 1 vol. $80

GARCIA REDONDO

Salada de frutas, 1 vol. $50
Através da Europa, 1 vol. $60
Cara alegre — Crónicas, 1 vol. $50
Conferências — A mulher, Manias e cacoêtas. A inteligência dos animais e das plantas. Discurso. 1 vol. $40

JOÃO DO RIO

Cinematógrafo, crónicas cariocas, 1 vol.... ... ... $70
Os dias passam, 1 vol. $70

GUERRA JUNQUEIRO

A Velhice do Padre Eterno. 1 vol. 1$00
A Vitória da França, 1 vol. $10
Baptismo do Amor, 1 vol. $20
Pátria, 2.ª edição, 1 vol. $80
Finis patriæ, 1 vol. $30
O Crime, 1 vol. $20
Lágrima, 1 vol. $10
Oração ao Pão, 1 vol. $12
Oração à Luz, 1 vol. $20
Marcha do ódio, 1 vol. $30

A entrar no prèlo:

Oração à Flor.
Oração ao Homem.

A saír brevemente:

Unidade do Sêr.

BANZO

PORTO — Imprensa Moderna

COELHO NETTO

COELHO NETTO

BANZO

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão,
editores Rua das Carmelitas, 144

1912

DO MESMO AUCTOR

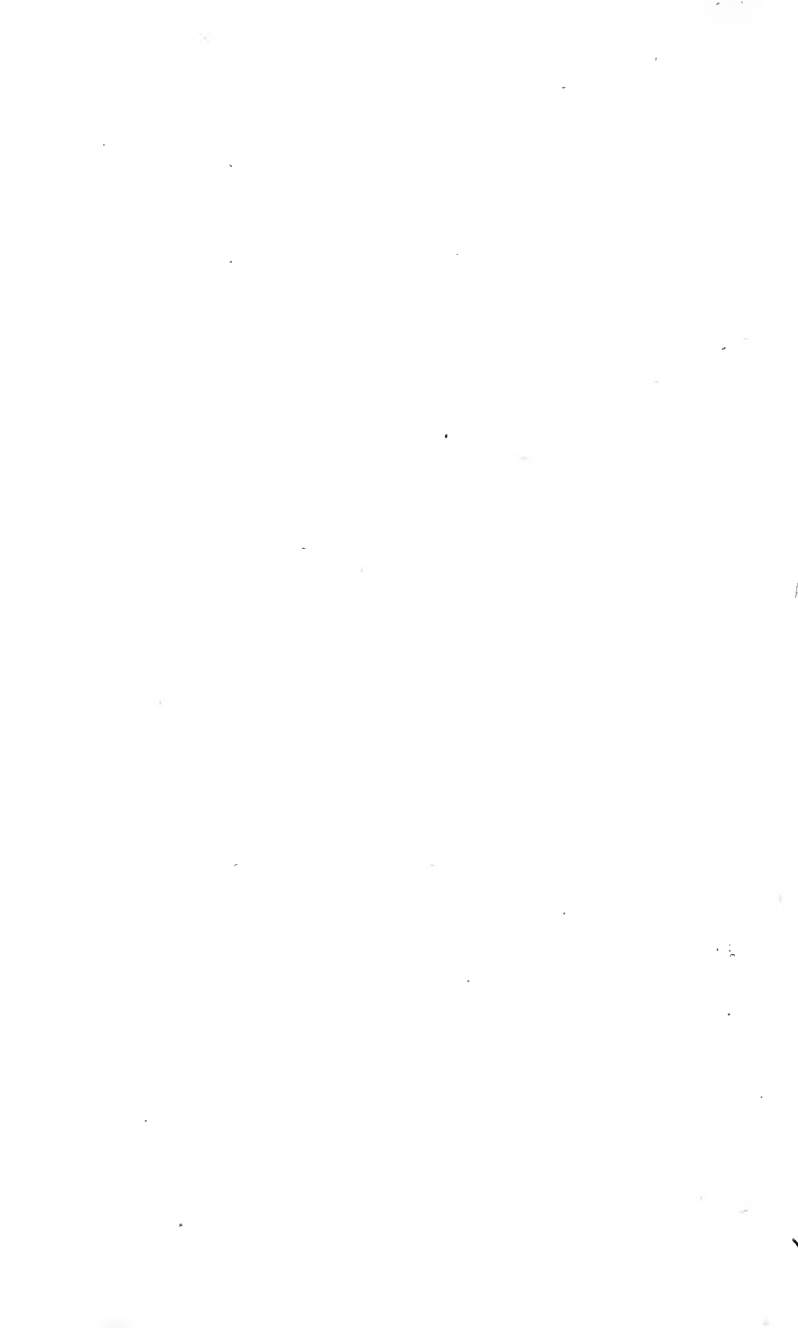
Esphynge, 1 vol.	600
Sertão, 1 vol.	600
Agua de Juventa, 1 vol.	700
A bico de penna, 1 vol.	700
Romanceiro, 1 vol.	500
Jardim das Oliveiras, 1 vol.	500
Fabulario, 1 vol.	500
Miragem, romance, 1 vol.	600
Theatro, vol. 1.º, 1 vol.	800
Theatro, vol. 2.º	400
Quebranto (Theatro), vol. 4.º	500
Apologos, 1 vol.	500
Mysterio do Natal, 1 vol.	500
Inverno em flor	700
Rei negro	no prélo

No prélo, a seguir em novas edições:

O Rei Phantasma	1 vol.
Capital Federal	1 vol.
O Paraiso	1 vol.
O Rajah de Pendejab	2 vol.
A Conquista	1 vol.
A Tormenta	1 vol.
O Turbilhão	1 vol.

A

SILVIO BEVILACQUA

1910.

BANZO

I

A Antonio Lobo

Baixinho e secco, curvado em gancho, carapinha em maçarocas, ralas falripas de bigode amarello de sarro, tufos de barba hispidos como parasitas, este era Sabino, o negro mais velho d'aquellas redondesas, desde a Barra até o Paty.

Em passo lerdo, com o urucungo e o cajado, um sacco de couro a tiracollo, o pito nos beiços, corria tudo, descançando á sombra das arvores ou nos ranchos e tejupares dos caminhos, quando não se sentava no meio dos campos, ao sol, entre o gado solto.

Apparecia nas villas e nas cidades em tempo de festa e, como conhecia todos os

sitios e fazendas, ia entrando ás porteiras como em terra propria, falando a todos, sempre risonho.

O urucungo annunciava-o; sahiam crianças a recebel-o, davam-lhe comida, molambos. O sacco ia bojando e elle, numa alegria servil, bambaleava o corpo em dança de urso, com gatimonhas ridiculas, picando as aspas da combúca, grato á bondade das crianças que se ajuntavam em circulo, rindo, batendo as palmas.

A's vezes ia para a estação esperar os trens. Cochilava no banco e, á chegada dos comboios, arrastava-se á beira dos carros, a mão estendida, jeremiando á sua miseria, e o que recolhia era para fumo e cachaça.

Não tinha casa. Casa para que? o matto é grande. Mas o seu ponto predilecto era na fazenda das *Lages*, á sombra duma gamelleira, num comoro. Nas *Lages* fôra escravo, ali vivêra desde que chegara d'Africa, passando dum senhor a outro, até «nhô Roberto» que elle carregara á «cacunda», ensinara a andar a cavallo, levara ao collegio,

vira casar, envelhecendo no trabalho, á sombra da casa.

«Nhô Roberto» era mau, enfesado, sempre de cara amarrada, gritando por tudo e «agarrado» como elle só.

Um dia, já depois da Lei, «nhô Roberto», que andava nervoso, entrou na horta e achou-o sentado perto do rego, chupando uma laranja. Foi um tempo quente, não quiz saber de desculpa — pôl-o fóra. «Que fosse para o inferno! Estava livre, os canalhas que o sustentassem».

Sahiu sem rumo, andou muito tempo a tôa, passou fome, bateu os dentes de frio, teve febre, pensou morrer; mas a gente acostuma-se com tudo. Sempre achou caridade.

Um dia soube da morte de nhô Roberto (Nosso Senhor não dorme!) e, como a fazenda fosse comprada pelo coronel Chico Amaral, homem de bom coração, elle, que já andava com muita saudade daquelles fundões, botou o pé no caminho.

Achou tudo mudado: casas novas, de telha,

machinas, gente branca na roça... A gamelleira lá estava, cada vez mais bonita.

Receberam-no bem — os conhecidos festejaram-no, mesmo o coronel Chico Amaral, espantado d'elle ainda estar vivo, mandou dar-lhe comida e presenteou-o com um capote velho que lhe chegava aos pés. Homem bom... Nosso Senhor ha de ajudal-o! Bom mesmo! Volta e meia lá estava: virava, mexia, levava tempos sem apparecer, mas um dia lá o encontravam debaixo da gamelleira, cantarolando á beira dum foguinho de folhas seccas, entre burundangas: latas velhas, pão duro, embrulhos de farinha, restos de comida, feixinhos de taquaras e uma garrafinha de cachaça.

Ali passava os dias e a gente da fazenda, de pena, mandava-lhe de comer e os que passavam, á tardinha, vendo-o encostado ao tronco, offereciam-lhe um canto em casa para dormir. Elle ria agradecido e ficava sob a galharia verde tocando e cantando, até que o somno o prostrava.

A's vezes, de manhan, quando o procura-

vam, havia desapparecido: «Tio Sabino já foi, coitado! Volta...» E voltava.

Quando lhe perguntavam quantos annos tinha encarquilhava o rosto amarfanhado, sumia os olhos em rugas, aproava o queixo ciciando um risinho frouxo e sacudia a cabeça branca num gesto abandonado que parecia atiral-a pelo tempo dentro.

Então revolvia as fundas reminiscencias. Falava do rei D. João VI, dos «manátas» que vira na Corte, dos senhores que tivera, das lindas donas d'antanho, de casas que haviam sido demolidas, de arvores mortas, ribeiros desapparecidos, mattas devastadas, tudo que vira na correnteza da vida onde ficara, como aquellas pedras que lá estavam no Parahyba velho olhando o passar das aguas.

Idade, sabia lá! No seu tempo — e corria um gesto que abarcava o horizonte — tudo aquillo era matto. Bicho assim! e apinhava os dedos. Casa, uma aqui, outra acolá! Cidade, era uma rua só com a igreja lá em cima. Mas então é que era festa! Semana Santa, S. João, Natal, Espirito Santo... Eh!

Largo ficava da gente não poder andar—eram carros de bois, liteiras, cavalhada chibante arreiada de prata, cada mula que fazia gosto, escravatura limpa, tudo gente moça. Fazenda, não vê que era como agora! Mesa ficava posta, comida bôa. Fartura era ahi.

Captiveiro era brabo, isso... ahn! mas tambem, quando o senhor ganhava, negro tinha o seu gancho. Tempo bom! E, descrevendo, dramatisava pittorescamente os episodios imitando: a musica: tchumba! tchumba! tchumba! o espoucar dos foguetes e o estrondar dos morteiros: tró tó ró bum! o bimbalhar dos sinos: bem, de len deu bem. bom! o reboliço dos carros rinchando: cheeeem... hiiiim... os cavallos resfolgando: frrrú! o rumorejo do povo: áäaah! os pregões dos doceiros, dos leiloeiros de prendas, o batuque africano ao som dos tambores: prú cu tú! prú cu tú!

A negrada, que o cercava attenta, ria dos racontos. Pediam-lhe minucias, recordavam-lhe episodios, lendas, casos que a tradição conservava e elle, sentado no chão, estirando

as pernas, com os pés a prumo, de solas chatas, encoscoradas como patas de pachyderme, narrava.

Trem de ferro ... isso era de hontem. Vira chegar a turma dos engenheiros, cada moccetão! botas, chapeu largo, pagodistas como elles sós; e para andar no matto nem tatú podia com elles — furavam tudo. Depois os trabalhadores abrindo picadas, gente onça na enxada e no machado, cavando, fazendo caminho; morro não era nada para elles.

Vira estender os trilhos, cruzar as pontes e o dinheiro naquelle tempo andava a tôa. As mulatas é que aproveitavam.

E um dia — êh! dia grande! gente na estrada fervia que nem procissão — o trem berrando numa fumaceira de coivara: tchá! tchá! tchá, oooô! Ahn! Boi corria espantado, ficava olhando de longe, besta, cavallo rebentavam cabrestos disparando por esses mattos, cachorro zunia: cain! cain! cain! nem que tivesse apanhado! gallinhas voavam que nem patos na lagôa quando um tiro estronda e o bicho passou rabeando, embandeirado, cheio

de gente graúda: fazendeiros, generaes, moças... ahn! e foi-se embora! Muita gente rezou de mêdo.

Eu vi tudo de cima d'uma barranca, o coração batendo assim: pú, pú, pú! Bonito mesmo!

E o bicho passou damnado, fervendo; a fumaça espoucava da chaminé em cachimbada grande. Eh! E trouxe tudo! trouxe cidades e foi deixando por ahi, trouxe machinismos, gente branca...

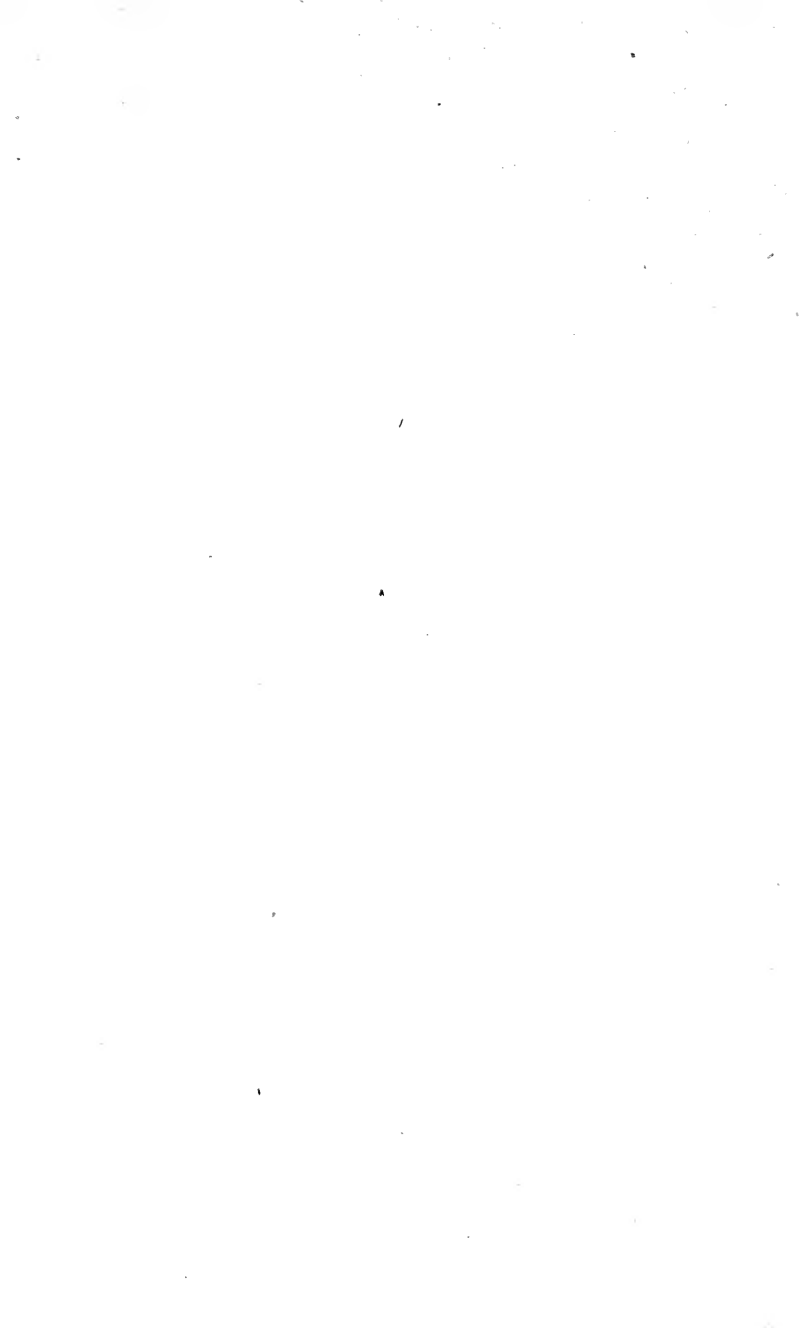
Parecia coisa de encanto. A gente deixava de ir uns poucos de mezes num lugar e quando apparecia lá ficava de boca aberta vendo tudo mudado: casas novas, negocios sortidos como os da Corte, igreja, circo de cavallinhos, botica e o matto, que é delle? Trem de ferro ia comendo tudo, tal e qual como na terra brava depois do roçado quando a plantação bróta.

O mal era o fogo. Bastava uma faiscasinha da machina para levar um cannavial. E era uma campanha! a gente toda fazendo aceiros e o fogo lambendo, cada labareda que fazia medo.

Muita gente nem queria vêr o trem de ferro, quanto mais entrar nelle. Nhá Joanninha Junqueira, do Palmeiral, moça prendada, que tocava e cantava, essa nunca quiz saber do bicho. Quando teve de ir á Corte, para a operação, quem disse! foi e voltou de carro de bois. Povo custou a acostumar-se.

Depois os padres diziam que era o trem que trazia as febres e os peccados, e então é que foi medo mesmo.

«E no tempo da guerra?» perguntavam.

Eh! matto comeu gente... Eu estive vai, não vai... Barnabé ficou lá, Braz ficou lá, um bandão delles. Desse tempo só Venancio mina, coitado! está nos Quatis, cego de todo. Não sabe nada, pergunta só. Lei grande já apanhou elle sem vista, para que? Tinha senhor, vivia na fazenda... e agora? está lá morrendo no escuro, come hoje, amanhan não come, conforme Deus quer. Liberdade... pois sim... gente anda morrendo a tôa, urubú é que gosta.

II

Tudo mudara para Sabino. A terra, outr'ora rica, frondosa de mattas, estava toda núa, escalvada, mostrando lanhos de pedra, lombos de rochas, grótas sem agua. Num ponto e noutro tocos assignalavam derrubadas, lanços de morros offereciam o aspecto lugubre de borralhos ennegrecidos de tóros carbonisados. Nas plantações vasqueiras raro uma arvore copava — era tudo ralo, tolhiço: um fim de vida.

O Parahyba, dantes caudaloso, barulhando nas pedras em cachões borbulhantes, ás vezes crescendo tanto que transbordava alagando extensamente as margens de onde os

moradores fugiam abandonando as casas — ali estava seccando.

Barcos carregados iam e vinham e agora as leves pirogas, se os canoeiros não eram destros, iam batendo nos cabeços, roçando nas corôas de areia, tão raso corria o rio, escuro, em lameiro grosso, como todo elle feito das barrancas esboroadas, que fossem rolando derretidas para o mar.

O proprio ceu descorado esmaccia, cada vez mais pallido.

Sabino sentia a morte da natureza: tudo estava acabando.

Em certa fazenda, que tivera fama pelo esplendor da sua capella, seguindo uma trilha èntre culturas novas, parou relanceando o olhar compadecido. Reconhecia o sitio, mas notava mudanças, falta de alguma coisa.

De repente lembrou-se de uma arvore grande que ali houvera e, d'olhos parados, como que a viu levantar-se esgalhada, folhúda, espalhando sombra larga. E era um mundo de gente embaixo: carreiros, crioulas com os filhos de mama, rapaziada da roça, tudo

junto, emquanto o sol amollecia languidamente as hervas, estrallava na estrada, quente que nem fogo, e lá longe, no campo, o monjollo batia.

O cafesal, dum verde escuro, reluzia no alto, tão cerrado que não se via um vulto de negro, nem signal de palhoça — e lá estava o serro secco, agreste, com o sapesal amarellento cobrindo-o como uma grenha de velhice.

Entrava nas capoeiras, direito a um rumo: desilludia-se.

A fonte... isso foi uma tristeza! era bem no matto, escondida. O seu gosto, em moço, era ficar ali, á fresca, tomar o seu banho ouvindo os passaros, á espera de alguem que apparecia sempre de sopetão, assustada, pedindo pressa, com medo de ser apanhada, desde, porém, que se lhe atirava nos braços esquecia tudo. Eh! corpo de rapariga!

Com a lembrança o sangue estuava-lhe nas veias gastas, o coração batia-lhe com força, um fluido de volupia electrisava-lhe os nervos. O silencio era doce, a sombra

fresca: só a agua fazia um leve ruido e as *lavadeiras* voavam por entre os juncos. E a fonte? della apenas restavam pedras seccas, a areia atorroada e o hervaçal.

E elle pensava no Parahyba, coitado! que ia morrendo á mingua porque as fontes morriam por toda a parte. Quando chovia sim, o pobre apanhava um fartão d'agua, como esmola do ceu. Estava acabando!

O proprio cemiterio desapparecera — era uma mattaria brava! Para achar uma cova — e estava cheio — seria preciso roçar aquillo tudo.

Em certa occasião, mettendo afoitamente pelo caminho funéreo, achou uma cruz de pau. Levantou-a, beijou-a devotamente e, querendo fincal-a, de novo, na terra, partiu-se, de podre.

Então, para evitar que fosse profanada, desfez o symbolo e guardou os pedaços no sacco para queimal-os quando fizesse fogo. «Cruz de Nosso Senhor não se deixa atirada, e cruz de cemiterio então!» E, olhando a terra embravecida em maninho, commentou:

«Quanta gente ! Isso aqui está que nem paiol.»

Tortulhos expluiam nos troncos numa estranha florescencia de putrilagem, joás amarellos espalhavam-se como contas de ouro. Tresandava a humidade.

Caminhando no matto alto e emmaranhado, dentro da sombra fria, resvalava em caldeirões. «Isso é cova de tatú. Tatú anda aqui: comeu e ficou».

De quando em quando um arrulho dorído passava no silencio. Que tristeza ! E tudo era assim.

Nas *Lages* é que elle sentia mais a devastação do tempo: a casa fôra reformada, os caminhos mudados, plantações novas, machinismos. A bem dizer a mesma terra era outra, do tempo antigo só elle e a arvore do cômoro, a gamelleira, lá em cima.

Os animaes não pareciam o que eram: uns touros grandes, lustrosos, quasi sem chifres, lerdos, pesados, sentindo-se nos pastos, sem prestimo, morrendo á tôa; cavallos que não aguentavam uma tirada, frouxos, aguando logo, carneiros muito gordos, mas feios. Qual!

E os bichinhos do matto? até elles. Pois então cigarras e passarinhos do seu tempo cantavam d'aquelle modo? A gente entrava na matta e ficava tonta — era uma alegria nas arvores, tudo voando. Marrecas, isso era um nunca acabar á beira d'agua e agora? é o caboré de noite e de dia o anum e o urubú tocaiando lá de cima.

Nem sapo! Bacurau, quem vê mais? A gente estava, á noite, sentada no terreiro, olhando a lua, e o bacurau vinha vindo, pula d'aqui, pula d'ali, mansinho. E agora? acabou.

Fruta, quem se importava com isso? matto estava cheio, era só apanhar. Hoje tudo tem dono. E' cerca de arame por ahi fóra; um limão custa dinheiro. Folha de laranjeira para remedio, matto, um punhadinho: um tostão.

E lastimava as crianças, nascidas tarde, numa era mesquinha e de melancolia, com o mundo velho, desconsolado e vasio. Attribuía todos os males da terra e a tristeza do ceu ao colono branco. Odiava-o. Se avistava al-

gum na estrada, desviava-se, deixava-o passar e voltava-se seguindo-o com o olhar até perdel-o de vista.

Era o usurpador que entrara apoderando-se de tudo, destruindo o que elles haviam feito, matando a terra, espalhando a tristeza. Gente amaldiçoada! Não podia admittir que um branco entrasse no cafesal de enxada, carpisse, colhesse, rodasse café no terreiro e jungisse bois ao carro e atrelasse mulas ao troly, morasse em palhoças, dançasse nas eiras, rezasse na capella, moesse canna, plantasse mandioca.

Não comprehendia que um italiano, como seu Amati, que elle conhecera esfrangalhado, sem vintem, chegasse a ser dono de fazenda.

Não, a terra era d'elles que a desbravaram e plantaram para os senhores. E os brancos abriam negocios, compravam sitios, montavam officinas, até governavam como seu Barbosa, um ilheu, que mandava num mundo de gente no tempo das eleições.

E os negros morriam de fome nos caminhos, não tinham onde morar, ninguem os

queria, eram perseguidos. A propria terra era-lhes ingrata, mas estava morrendo, estava acabando. Era a sua vingança. Quando o Parahyba seccasse — e não demorava muito — queria vêr.

Sentava-se nos barrancos e ficava olhando os horisontes largos, esquecido de tudo, sem sentir o sol. Picava o urucungo cantarolando. Por fim levantava-se.

Hesitava um momento pensando no rumo e mettia pelo primeiro atalho, ao acaso, désse onde désse.

Se tinha alguma coisa, comia, senão era o mesmo, punha-se a caminho vagarosamente, resmungando, cantarolando.

Onde anoitecia, ficava. Escolhia um canto abrigado, estendia-se no chão e, até chegar o somno, olhava o ceu. E as estrellas pareciam-lhe mais tristes, quasi apagadas, como luzes que vasquejam num fim de vigilia, e a lua sem brilho, aluminando baça.

Dantes, isso sim, o luar era uma belleza — tudo aquillo branqueava, claro como dia; o rio ficava como de prata, a gente via longe

e era uma pagodeira de violas; nos tempos de festa samba, catêretê, batuque, baile na casa dos senhores e a negrada contente, solta pelos caminhos, cada crioula que fazia gosto. Agora era a sanfona do italiano, uma coisa enjoada, que nem dava geito.

Accendia o cachimbo e, fumando, recordava os dias extinctos, a felicidade do captiveiro, o bom tempo. Cochilava acordando, a instantes, sarapantado. Noite comprida!

Quando começava a clarear levantava-se. Os passaros cantavam alegres. Na pureza do azul alumiava-se a madrugada. Fazia frio. E elle sahia pelo frescor da relva esmaltada de orvalho diamantino, ia andando e, avistando um fumo leve, guiava-se por elle. Sentindo a vida, o despertar alegre, vozes de crianças, tinir de louça, o bom cheiro quente do café coando, a fome apertava com elle: parava á cancella ou á porta, sapateava dedilhando nervosamente o urucungo e, numa voz que chorava um canto melancolico, annunciava-se á esmola com ancia de suppliciado.

III

Foi na estação que elle soube que o coronel Chico Amaral mandára pôr abaixo a gamelleira do comoro.

Estava sentado no banco, á espera do trem, quando lhe deram a noticia.

Quiz levantar-se, não poude, bambo das pernas, com os olhos manando lagrimas, a garganta arrochada.

O pagem das *Lages* descreveu a «maldade». A arvore custara a cahir. Gente bôa no machado, rapaziada direita, levara toda a manhan batendo e a arvore dura, teimosa... nem nada! Os passarinhos voavam em

volta, assustados, numa gritaria que atordoava, povo assim para vêr a bichona! Um trabalho! Suaram!

Lá para o meio dia, lanhada, escorrendo sumo, começou a estalar. Fazia pena! A gente fugiu de perto, abriu campo, e começou o puxa-puxa: um cabo grosso, mais de vinte homens. Qual! A bicha balançava, ringía, mas nada de cahir.

Metteram o machado de novo até que seu Mamede gritou. Foi uma debandada e a gamelleira bambeou, mais um sacalão do cabo e, com um estouro, virou cahindo, e o chão estremeceu com o baque. Tomou o comoro, tudo ficou coberto com a mattaria. Grande mesmo! Todo o mundo teve pena. E porque? scisma de nhá Donga. Só porque um raio cahiu lá em cima e o Dr. Barbosa disse que fôra por causa da arvore, a moça começou a pedir, a pedir e seu coronel Chico mandou metter o machado. Fazia dó. Os passarinhos andaram tontos, chorando no ar, ora aqui, ora ali, arranjando casa. Abelhas... êh! até parecia praga e aquillo lá em cima

ficou desamparado, triste, vasio... até parecia que tinha morrido gente.

Sabino ouvira calado, d'olhos no pagem. Accendeu o cachimbo, baixou a cabeça e, descahindo o corpo, com os braços abandonados, ficou immovel.

Um trem chegou. Passageiros saltaram, os pobres correram á esmola alrotando, gemendo, uma moeda cahiu-lhe aos pés, atirada de longe e elle na mesma attitude.

Outros trens e nada: o velho não tinha forças nas pernas, não podia comsigo.

A' tardinha, quando começaram a fechar o armazem e accenderam a agencia, levantou-se a custo e sahiu. Pela linha, da estação ás *Lages*, era menos de legua, d'um lado, o rio, do outro lado, além da cerca, lavouras, o brejal do Mosqueiro, sempre aberto em lirios, o sitio do Fabiano, o cannavial de seu Amati, a vendinha do Esteves, num alto, e as *Lages*.

Foi indo, devagarinho, parando a espaços para descançar á beira dos boeiros ou nas rampas da estrada.

A lúa subia grande e clara, redonda e os trilhos alumiavam como dois regos d'agua. Lá em baixo o rio tremeluzia. Os sapos faziam um vozeiro de agouro. Ninguem!

A's vezes, na distancia, um cão ladrava.

A' frente, rente da terra, uma luz vermelha olhava solitaria. Por entre os mattos aqui, ali cortava a sombra uma nesga de claridade.

Sempre que via uma arvore alta, com a fronde luzindo ao luar, o negro parava contemplativo e, machinalmente, picava o urucungo. O som triste como que o despertava: então gemia, meneava a cabeça e, levantando os olhos, fitava o ceu estrellado.

Noite linda! A voz do rio era como uma prece na solidão.

Perto da turma, para que não o vissem na linha, desceu a barranca agarrando-se ás hervas, arrimando-se ao cajado e foi beirando o rio merencoreo. A's vezes um peixe saltava batendo d'estalo nagua. Corujas voavam surdamente e na sombra da espessura accendiam-se vagalumes.

Passada a casa da turma tornou á estrada, atravessou cautelosamente o pontilhão.

Pareceu-lhe ouvir o estridor longinquo de um comboio. Parou á escuta, levantando a cabeça serenamente, sem medo. Adiante, num córte, era tudo escuro; atraz, nada, não descia trem áquella hora. Era o rio roncando. Foi-se.

Reconhecendo o viçoso cannavial do Amati parou: era como um mar dourado e marulhava ao vento. Na collina, entre eucalyptus, alvejava a morada, tão branca como a propria lua.

Era um dos donos da terra. Quem diria! Começara na estrada, trabalhando de picareta. Desapparecera uns tempos, voltara, annos depois, com um macho carregado de fazendas e quinquilharias. Batera aquillo tudo, até Valença e um dia, com a morte de seu Marianno, indo á praça o sitio, quem havia de apparecer para compral-o? o italiano.

Seu Carlos da botica garantia que elle arranjara a vida passando notas falsas. O

caso é que comprou a terra e lá estava: tinha engenho a vapor, uma boiada limpa, cafesal novo e predios na cidade. No seu tempo andava roto, descalço, carregando ferramentas, comendo em marmitas, dormindo ao relento, peior que escravo. E estava ali! Ficou olhando. Era assim... Sorte de cada um.

Adiante, a venda do Esteves, outro. Ainda estava aberta, tinha luz. Era o ponto dos colonos, jogo fervia lá dentro até de manhãsinha. Ás vezes sahiam brigas, facadas, tiros. Mas seu Esteves era homem, zangado ninguem podia com a vida d'elle. Quando via a coisa mal parada, entrava, apartava os parceiros, botava tudo para fóra e fechava a porta.

Só um hespanhol quiz pegar com elle, mas o portugues não deu tempo: zuniu o cacete e o outro tombou na estrada, com garrucha e tudo, quasi morto.

Estava rico, só em compras de café aos colonos fazia um negocião e ainda emprestava dinheiro e no jogo era uma vassoura.

No tempo de Manésinho aquillo não era

nada, um ranchinho a tôa, de sapê, com uma pipa de cachaça, umas garrafas de cerveja, uma barrica de bolachas e latas de sardinhas. Lá estava: negocio grande. Mas Manésinho era mulato, não tinha sorte. Portugues chegou, mudou tudo.

Quando passou o corrego pelas alpondras o coração bateu-lhe d'esbarro. Estava nas *Lages*. Entrou mui de passo, espreitando.

A fazenda dormia na alvura do luar.

Em baixo, em renque, os paióes, a casa das machinas; a um lado o moinho. Em cima, na extrema da alameda de palmeiras, a casa senhorial vasta, estendida em janellas, com um largo portão sobre a varanda coberta de trepadeiras.

Os terreiros branqueavam como areaes e funda, obscura, luzindo em reflexos metallicos, a matta ainda fazia resahir mais claro o casario silente.

O negro subiu a rampa devagarinho, aos bocados, parando para respirar: sentia o peito opprimido, uma angustia no coração como se lh'o apertassem.

Um vulto de animal passou lentamente na estrada desapparecendo na sombra. Os sapos faziam na horta um estrupido azoinante e no meio do caminho que levava ao pomar uma poça reluzia como um pedaço de ceu com estrellas.

No silencio pairava um férvido ruido, um som vago, retinintc como o que se escuta nas conchas. O rio, ao longe, murmurava.

Sabino olhava — era toda a sua vida, toda! Instantaneamente um bando de figuras lépidas revoluteou na sombra. Lá no fundo surgiu a casa antiga, senzalas por ali fóra, o engenho, o curral no outeiro — foi um momento, tudo sumiu no luar.

Era o passado que subia do tempo numa evocação da saudade. Caminhou.

Um cão sahiu debaixo d'uma carreta, acuou á distancia, rosnando. O negro intimou-o e o animal, agachando-se, a dar á cauda, veiu, de rojo, festejal-o, seguiu-o um instante, mas retrocedeu ladrando. Foi indo. As pernas tremiam-lhe, a cabeça enchia-se-lhe

como de fumo, aturdida, sombras empannavam-lhe os olhos.

Quando enfrentou com a casa grande era tão dôce o arôma do jardim que esteve um instante encostado á cerca, gozando-o. Ali mesmo — mas não era assim — costumava ficar até tarde, os olhos na porta da cosinha, á espera de Maria Rosa. Quantos annos! Tempo vôa! Mas parecia que fôra hontem, a modo que ainda sentia o cheiro do corpo.

Olhava: tudo em silencio. No seu tempo, não vê! Áquella hora a rapaziada andava furando os mattos, uns atraz de mulheres, outros capiangando e quem não levava a sua rapariga ia encolhido pelas bibocas com saccos de café para a venda.

Onde estava essa gente toda? na terra, com o matto em cima.

A agua correndo por um canal passava por elle com um murmurio leve.

D'ali ao comoro era um instante, caminho bom. Mas estava cançado. Sentou-se numa pedra e ficou banzando.

Quanta coisa! Reviu tudo como num sonho, gozando a morte. Por fim levantou-se. Os gallos cantavam, uma cigarra chiou na illusão do luar.

Quando chegou a cima a arvore cahida parecia amortalhada em luz: as folhas avultavam em monte, o trouco estendia-se como uma columna enorme.

O negro ficou estatelado, olhando, com lagrimas silenciosas. Teve um arquejo, tomou o urucungo a mãos ambas, estendeu os braços como se offerecesse o instrumento á morta. Um som partiu, lúgubre. Não poude mais: amolleceu nas pernas, cahiu entre as folhas, de bruços.

De manhan, quando a gente subiu para talhar a arvore e limpar o comoro, Mamede, que ia á frente, interrompeu a algazarra alegre dos companheiros com uma exclamação espavorida:

— Uai! Cruz! Correram todos curiosos:

— Que é? Que é? E o capataz, que recuara, mostrou um vulto entre as folhas murchas.

— A modo qu'é tio Sabino... Aproximaram-se, examinaram.

— E' mesmo... Era o negro — deitado entre as folhas da arvore, com o urucungo no peito, os olhos ainda abertos, morto.

MAU SANGUE

Foi um reboliço, um leva-leva entre os caboclos arranchados sob o alpendre do negocio, quando Chico Redomão, saltando do pangaré, esbaforido, alagado em suor, com a cabeça ardendo da soalheira brava, disse, atirando uma relhada a um dos grossos moirões de cabiuna:

— Hoje o dia começou mal. Estou arranjado!

— Mode quê? perguntaram.

— Topei com o diabo do Penador. Houve alvoroço e a caboclada, em tumulto, apinhando-se em volta do peão, indagou alarmada:

— Onde, homem de Deus?

— Debaixo do umbuseiro, dormindo. E o damnado do tinhoso junto d'elle, rente.

— E você, creatura?

— Uai! Fechei o corpo com o signal da cruz, juntei o pangaré nos quartos e passei de largo numa arrancada doida. Elle vem vindo por ahi.

— E' que já fez coisa. Capitão Libanio, o do negocio, perguntou lá do fundo, no seu vozeirão que estrondava:

— Que é, gente?

— E' o Penador que vem tocado.

— Quem?

— O Penador.

— Tá louco! exclamou Libanio em tom sarcastico. Por aqui mesmo é que elle não passa.

— Espera um instantinho...

— Garanto que elle aqui não passa. E inflammou-se, sahiu ao alpendre, d'olhos esbogalhados, arregaçando as mangas da camisa de riscadinho. Era um homenzarão alto e grosso, guedelhudo, d'olhos sanguineos

e sempre chispando áscuas de furia; cara larga, balôfa, côr de tijollo, marcada em piques e laivos de variola. Reluzia de suor e, num rictus que lhe arrebitava o labio superior, os dentes appareciam, grandes e amarellos. Fechou os punhos e, altaneiro entre os caboclos, arquejando de odio, esbravejou:

— Se aquelle mofino é homem, se tem coragem no peito que bóte o pé aqui na minha porta. Diabos me levem se eu não estourar elle c'um tiro.

— Coisa ruim! resmungou, com um muchocho rascante, um rapazola macilento, que passava e repassava a faca alisando sobre a coxa compridas palhas de milho. Um velho, de melenas arrepiadas, bolsa de couro ao flanco, que cachimbava a um canto, adiantou-se arrastando as alpercatas e, batendo com o cachimbo na palma da mão callosa, perguntou em tom socegado:

— Vosmecê tambem tem queixa d'esse infeliz, seu capitão? Libanio voltou-se d'impeto e, carregando o cenho, os olhos a fagulharem, crispado e rouco, com as veias turgidas late-

jando, depois de encarar no velho, atirou um murro ao peito, bramindo:

— Eu!? e avançou um passo. Se eu tenho queixa d'esse caipora? E quem não tem? Terra qu'esse maldito pisa nem benção de santo salva; fonte em que elle bóta a boca, sécca. Uma cabrocha esgrouviada rebolou nos molambos em que jazia e murmurou surdamente, d'olhos perdidos, sem tirar o cachimbo dos beiços:

— Passarinho lá cantando, elle passa, passarinho cala a boca, bate as azas, cahe do ramo, morto.

— E' verdade! affirmaram em tom soturno. E Libanio continou:

— Quem não se queixa d'essa alma damnada? Han! Aprumou-se, deu um sacão ás calças, puxando-as ao ventre impado, estendeu os grossos braços cabelludos e, de cabeça alta, carranca fechada, esteve um momento a grunhir, roxo de colera. Subito, d'arremettida, rompeu a turba, pulou na estrada fulgurante e, ao sol, atesando o braço, sacolejando o corpo desconforme, exclamou

rancoroso, travando as palavras entre os dentes que rilhavam:

— Juro por esta luz que está me alumiando que se aquelle excommungado tiver o arrojo de chegar aqui não dá mais um passo para diante. Não dá! affirmou com uma patada á terra dura e secca de onde subiu uma poeira fina. E rugiu: Tão certo como ser hoje segunda feira das almas, cômo elle! Cômo com a minha comedeira de dois canos que está la dentro. Que venha, se é capaz! S'eu tenho queixa...! E' bôa! Aos bufos tornou ao alpendre de vagar, remoendo a furia, e, fitando o olhar sinistro no velho imperturbavel, insistiu: Tenho queixa, sim. Tenho, como todo o mundo!

— Mas queixa de que, seu capitão? Libanio ficou um momento como aturdido, em verdadeiro espanto. Por fim, atirando os braços, deu as costas ao interlocutor:

— Ora! E, violento, afogueado: Você parece que nasceu hontem, pai. Quem sabe!? Já viram? Parece que nasceu hontem.

— Estou rondando os setenta, capitão.

— E não conhece o Penador?

— Só d'ouvir nomear.

— Ah! só d'ouvir nomear? Pois tudo que se diz d'elle é verdade. A cabrocha resmoneou macambusia:

— E muita coisa não se conta porque não se sabe. Roça sécca da manhan p'ra noite, foi o sol, o sol é que leva a culpa. Animal morre no campo, é peste. Qual peste, qual nada! Quem quizer procure os passos do Penador e ha de achar. Criança está no collo da mãi brincando, de repente revira os olhos, estremece e, antes de receber a benção, morre. Doença... E doença anda assim? E' o sangue do Penador. Até a sombra d'esse maldito faz mal.

— Está ouvindo? regougou Libanio. O velho acenou de cabeça, sempre a sorrir, incredulo. Libanio irritado, como offendido na honra, bradou aos caboclos: E' verdade ou não é, gente?

— Uai! Verdade pura.

— Olhe, Redomão sabe toda a historia desse diabo. Pergunte. Todos os olhos vol-

taram-se para o peão, que sahia do negocio conferindo um troco.

— Redomão!

— Qu'é lá, gente!

— Vem contar a historia do Penador.

— Uai! Então ainda é preciso contar isso? Quem não sabe? E o peão, alentado e airoso curibóca, riscando a terra com a larga roseta da chilena, adiantou-se vagarosamente, risonho. Parou, relanceou um olhar alegre em volta, perguntando em tom chocarreiro:

— Quem é ahi que não conhece a historia do Penador?

— Este camarada, explicou Libanio, mostrando o velho, sempre impassivel. Redomão casquinou um risinho. Jogou o corpo numa guinada e, de cabeça baixa, enrolando o cigarrro, falou ao velho:

— Ainda que mal pergunte: Vosmecê não é d'aqui?

— Não sou.

— Está se vendo.

— Estou aqui de passagem. Vou p'ra Bom Jesus.

— Vai no bom tempo. Accendeu o cigarro e, sentando-se no poial, o curibóca começou: Pois então escute lá a historia do Penador e depois, se achar do que rir, ria á sua vontade.

Os caboclos atropellaram-se aos empurrões, formando róda, uns de cócoras, firmados nas pontas dos pés, outros estirados de flanco, o busto soerguido sobre o cotovello. O velho encostou-se a um dos esteios, sempre fumando, com um riso escarninho estampado no rosto.

Longe rinchava um carro de bois com estridente e monótono soído; anuns piavam nas moitas proximas e, ao sol caustico, que fazia rebrilhar a estrada, moscas esvoaçavam tontas. Redomão poz-se a falar:

— Ali assim, por detraz d'aquelle cerrinho, é o sitio de nhô Barreiros, o *Frutal*. Vosmecê conhece? O velho affirmou:

— Hen-hen!

— Terra que vale ouro! Pois foi ali mesmo que começou a trabalhar o mau sangue do Penador. O dono d'aquelle sitio era um moço bom como elle só, nhô Pires, casado

com a moça mais bonita destas paragens, nhá Lina. Cabello era ali! Nunca vi igual nem nunca mais hei de vêr. E tanto tinha de bonita como de bôa. Foi um chôro de fazer pena por esses ranchos quando ella morreu, coitada! A cabrocha accrescentou em tom plangente:

— Ainda hoje se chora.

— Ainda hoje! E os caboclos confirmaram em acenos compadecidos.

— Nhô Pires — era elle, a mulher e um filhinho, louro que nem inglez — querendo aproveitar a terra, foi á Villa Velha e ajustou camaradas: gente destorcida p'r'o serviço. Penador veiu no bando. O nome d'elle é Seraphim. Moço, bôa cara, bôas maneiras e vivo na enxada que era um gosto. Foi logo ganhando a estima dos patrões e merecia, isso merecia. Não havia outro como elle para roçar um matto, para cavar um aceiro, para derrubar uma arvore. Braço valente! Nhô Pires não cabia em si de contente. Vosmecê lembra, capitão? Só falava do sitio, da sua gente, das plantações, da colheita e já pen-

sava em comprar mais terras para emendar com as d'elle, quando, uma manhan, nhá Lina acordou gemendo e gemido foi esse que, de tardinha, seu vigario estava entrando no sitio com o Santissimo e, no abrir da lua, a alma da moça subia para o ceu, com os anjos. O que foi essa morte nem eu sei contar. A casa ficou fechada e nhô Pires, escaveirado, chorava que nem criança. Sahia de noite pelos caminhos, ia beirar o cemiterio e a gente ouvia o choro d'elle, triste, triste de cortar o coração mais duro. Nem bem havia passado de um mez quando o pequeno cahiu com febre.

— Êh ! sangue, rosnaram com terror. Redomão olhou em volta e proseguiu:

— Nhô Pires fez tudo: mandou longe buscar um doutor, mas qual ! a criança ia acabando devagarinho. Que remedio ?! Penador estava no sitio cavando e, de noite, com pena, ia ficar com nhô Pires perto do curumin. Lá foi ! Que dôr ! minha Mãi do ceu.. Nhô Pires, coitado !... Emfim... Ficou só e o Penador na terra, trabalhando e o sangue

do Penador fazendo ingratidão. Nhô Pires não podia adivinhar. O tempo correu levando a tristeza e o moço, coitado! entrou no trabalho com a sua gente. Era desde o amanhecer até as Ave Marias um malhar de ferro numa toada, todo o mundo vergando a espinha, suando no duro e a terra... p'ra traz! Nhô Pires semeava, o sol matava a semente; tornava a semear, a chuva varria tudo. Vosmecê já viu a terra adoecer? pois adoece que nem gente. O *Frutal* ficou em petição de miseria. A vida de nhô Pires desandava, desandava mesmo e tanto elle soffreu, tanto perdeu que, uma manhan, sem fazer conta do prejuizo, vendeu o sitio a nhô Barreiros. Foi depois do negocio que nhá Malvina — Deus lhe fale nalma! — disse a razão da desgraça. Nhá Malvina conhecia gente de mau sangue pelo azedume do suor e foi ponto passar uma vez perto do Penador para vêr que elle era dos taes. O mal estava feito. Nhô Pires montou a cavallo e desappareceu e, até hoje, ninguem sabe d'elle. Nhô Barreiros tomou conta do sitio, despediu o Penador e, sem

despeza maior, em pouco tempo botou aquillo que nem um brinco. Penador ganhou o mundo, trabalhando onde topava que fazer. Mas era ponto pôr a mão numa coisa, fôsse o que fôsse, era aquella certeza. Serviu nas obras da ponte nova e aconteceu o que aconteceu. Entrou de campeiro no Monte Alegre e deu uma peste no gado que foi mesmo um despropósito. Ganhou fama! Hoje não ha quem não conheça o Penador, ninguem quer saber d'elle, nem de graça. A gente tem pena, mas que ha de fazer? Se elle, de noite, com fome, entra numa roça e furta uma espiga de milho, o milharal amanhece praguejado. Libanio adiantou-se e, estendendo o braço na direcção do cerro, disse:

— Olhe, ali havia uma fonte, a agua melhor deste lugar, o damnado bebeu... Que é d'ella? Ficaram as pedras por muito favor. Peior que raio!

— E como vive essa creatura? perguntou o velho.

— Sei lá! exclamou Libanio, com odio. A cabrocha explicou, sempre amazorrada:

— E' o cachorro.

— Que cachorro?

— Um tinhoso que anda sempre com elle. E' elle que dá tudo.

— O cachorro?

— Cachorro... O diabo é que é. O velho sorriu.

— Vosmecê não acredita? bradou Redomão. Pois olhe, elle está pertinho d'aqui, debaixo do umbuseiro. Se vosmecê quer vêr sua vida virar d'uma vez vá ter com elle, lá.

Nesse momento uma voz de criança bradou na estrada: «Olha o Penador!» Outras vozes cresceram: «Mofino! Penador!» Os caboclos levantaram-se em alvoroço, alarmados; saltaram á estrada. O velho seguiu-os. Libanio correu ao negocio e voltou empunhando uma garrucha de dois canos.

O sol ardia. As arvores immoveis, muito lustrosas, scintillavam. Dos capins amollecidos subia um cheiro quente de silvas queimadas e a estrada amarella, poenta, estendia-se direita por entre o macegal.

Um homem esfarrapado, descalço, barba farta e inculta, um velho chapeu de palha enterrado na cabeça, com um cão no rastro, vinha vindo lentamente, vergado como a um grande peso. Por vezes cambaleava e a sua sombra tremia ao sol. O velho olhava, com a mão em pala, e a cabrocha, que tirara um rosario do seio, repassava as contas, murmurando exorcismos.

— E' elle!

— E'!

Houve um silencio de hesitação. O homem avançava numa nuvem de poeira, fina e luminosa como um halo. De instante a instante parava, virando, revirando a cabeça como á procura de alguma coisa. O cão mettia-se nos mattos, farejando, sahia á estrada, sempre de focinho baixo, em farisco aqui, ali. De repente Libanio adiantou-se com arrogancia, empunhando a garrucha engatilhada:

— Volta! Volta p'ra traz, Penador, senão vai bala!

— Volta, desgraçado; intimaram os ca-

boclos. O homem estacou, esteve a olhar, sem o mais leve movimento, hirto ao sol.

— Volta! Não teima, insistiu Libanio. Elle fez um gesto e, rebuscando o sacco que trazia ás costas, puxou-o á frente, tirou uma cuia, tomou-a a mãos ambas, acenou com ella á boca, derreando a cabeça em menção de beber e, com toda a força que lhe restava, rouquejou:

— Agua!

— Vai beber no inferno, seu sangue ruim! respondeu o capitão. O velho murmurou commovido:

— Isso é falta de caridade, gente.

— Uai! chasqueou Redomão, vosmecê está com pena? Apois... porque não vai lá? O velho deu d'hombros e, enchendo o cachimbo, tornou vagarosamente ao alpendre resmungando.

— Ah! você não volta? rugiu Libanio. Um tiro atroou, rolou no silencio do descampado. O velho precipitou-se na estrada espavorido e ainda poude vêr o infeliz que fugia a correr, com o sacco a saltar-lhe ás costas,

sempre seguido do cão. E os caboclos riam ás gargalhadas sapateando no pó.

— Este foi só mod'assustar, disse Libanio, mas se elle teimasse o outro ia mesmo, duro. P'ra longe, sangue damnado!

Regressaram todos ao alpendre e o velho, em resposta á troça que lhe fizeram, engrolou meio desapontado:

— Eu não digo que não acredite, mas uma sêde d'agua não se nega a ninguem, um inimigo que seja.

— Uai! E vosmecê não estava ahi? como não foi levar?

— Não vê! exclamou um da roda. Falar é uma coisa. Esse é dos taes que empurram a gente p'r'o fogo e ficam agachados no matto mordendo cartuchos. O velho meneou com a cabeça sorrindo e, accendendo o cachimbo, recolheu-se, de novo, ao seu canto, junto ao poial. Redomão, sempre alegre, atirou-lhe uma palmada ao hombro.

— E' assim mesmo, compadre! Deixa lá! Seguro morreu de velho. De tolo é que você não tem nada. E, ajustando ao queixo a bar-

beta do chapeu, sahiu do alpendre. Bom, gente, a prosa está bôa, mas o serviço está me chamando. Até amanhan!

Foi ao telheiro, puxou o pangaré pelo cabresto, montou-o d'um salto e, picando-o rijo, sacudiu o braço num adeus geral. O cavallo arrancou em galope arrojado.

Uma nuvem de poeira levantou-se na estrada, houve um desabrido ladrar de cães e, de novo, o silencio cahiu na reverberação entorpecida e estuante do sol.

NO RANCHO

I

A Medeiros e Albuquerque

O sólo, de areia fôfa e adusta, com a macega arrepiada e secca, tinha o aspecto miserrimo de uma vasta, esturrada ipueira. Lanhos fendiam a terra friavel, d'uma côr dessorada, esbarrondando-se esfarellada ao cauto pisar das mulas.

De longe em longe, á maneira de marcos colossaes, avultavam negros penhascos com herva em tufos pelos rebordos ou rompendo das luras em vibrissas hispidas.

Altos mandacarús retorciam-se angustiados, espalmando avidamente as linguas bronzeas e, em torno, em viço hostil, eriçavam aspas os gravatás resequidos.

Por vezes, abrupto, o terreno fugia, resvalava em rampa, quebrava-se em escalões sob a hervagem espinhenta e os animaes ladeavam moutas douradas e navalhantes, esmaltadas das «gemmas d'ovo» dos jóás, sentindo debaixo das patas o vácuo dos caldeirões, o cavado das grótas.

Para um lado, em muralha ameiada d'arestas agudas, eram os alcantís de pedra núa e, assoalhando aridamente a planicie calcinada, alvos lençóes d'areia, dunas pojadas, d'um brilho vitreo, micante que deslumbrava.

Sentia-se uma adustão de rescaldo subir em fluido tremulo do vageiro deserto. O ar morno, rútilo, abafava.

A espaços, um coqueiro derreava-se, com as palmas esfarrapadas, algumas já mortas, pendidas, esperneando ao longo do caule como enormes centopeias.

Anuns reluzentes abalavam em vôo molle, cançado, piando; pousavam em ramos frageis equilibrando-se oscillantemente. E a trópa, zurzida pelo sol, seguia em chouto, sacolejando os surrões no rastro da *Faisca*, a mula

dianteira, que batia os cascos, espalhando areia, sacudindo airosamente os guisos da cabeçada, com o chocalho a cascavellar o rythmo da marcha.

Eram oito animaes de cargueiro, rijos, de piso firme, vaqueanos naquelle rumo. Desfilavam seguros atravéz da planicie arida, rasa, sem nesga de sombra nem humida frescura d'agua.

Dos hirsutos capins pennugentos gafanhotos espirravam em enxames voejando com estrallejo rispido. Lagartos esfusiavam mettendo-se pelas taliscas e, no silencio fulgurante e tórpido, sentia-se, por vezes, um hausto abrasado como o offêgo ancioso da terra nos paroxismos da fecundação.

O céu, dum ceruleo polido de esmalte, reluzia, vasto, impassivel, sem nuvem; e longe, em redente azul, como envolta em fumo diaphano, a serra, alta e frondosa, fechava o horizonte.

A *Faisca* pimponeava arrastando o comboio no seu garbo e, lustrosos, os surrões de sal ringiam dessorando, aos vascolejos nos

flancos das alimarias, cujas patas ferradas, por vezes, tiniam em pedras.

Soeiro, o velho sitiante, dono da tropa, alentado caboclo, já grisalho, com o seu peitoral de couro, chapéu cabano d'abas abatidas, rifle ás costas, deixava-se levar ao passo picado do pangaré, taciturno, o relho a prumo na coxa, os olhos semicerrados em somnolencia.

Os comboieiros, um negro e um caboclo acobreado, estugavam os animaes, galopando ora a um flanco, ora a outro, aos atitos; e, á frente, quasi emparelhado com a *Faisca*, Jão, filho de Soeiro, rapazote de doze annos reforçados, com um chapeirão de carnaúba e véstia sertaneja, bolsa e faca, trefegava no lombo do macho, bambeando as pernas, a atirar relhadas a esmo espantando as morissocas.

Haviam deixado a villa ao romper d'alva e, depois do almoço e uma sésta preguiçosa á sombra d'um umbú, lá iam de batida, estirão fóra, porque Soeiro, amollentado, com a cabeça a estalar e as pernas frouxas, dorídas

nas juntas, anceiava pela casa, forçando a viagem para poderem chegar na tarde do dia seguinte.

Iam feitos ao rancho d'*Agua santa*, além da serra, nos bravios da outra banda: e de lá, pela doce sombra da estrada, toda entre arvores, por vezes limpidamente cortada por um ribeiro sereno, sahiriam de madrugada, ao rumoroso acordar das pombas.

Ao fim da garganta escabrosa, entre barrancas escalavradas em escáras de granito, por um solo aspero onde o passo dos animaes estrallava sobre a crosta de lages faiscantes, appareceram arvores de larga fronde. Mas o que poz em alvoroço a companhia foi a mouta de buritys annunciadores d'agua.

Era uma ponta viçosa de matta. Homens e animaes resfolegaram antegozando a delicia d'um pequeno descanço naquelle refugio.

O terreno subia em acclive, duro e secco, mal vestido de hervagens intanguidas. Bandos de jandaias passavam chalrando na direcção do arvoredo e as mulas, na pressa ávida da sêde, romperam a trote, apezar das

vozes dos comboioiros que receiavam pelos surrões.

Mas a *Faisca*, afogueada, desattendia aos gritos. Foi necessario correr, largar as montadas no encalço da trópa que, com um frouxo, resoante rebater das cangalhas, arrancava a galope amotinado, direito ao matto, cheio do chirrio estridente das cigarras.

A *Faisca* enveredou esmagando as hervas, com os surrões aos esbarros pelos troncos e, em fila, seguiram-na as outras mulas; e os comboieiros, varejando o cerrado, arremetteram em desapoderada corrida..

Jão conseguiu tomar a frente á récua e, hirto nos estribos, aos berros, atirava relhadas contendo os animaes que se juntaram em bolo, refugando.

O ar fino, cheiroso, do interior sombrio foi um refresco reparador para todos. Sentia-se o aroma picante das resinas e o cheiro humido dos aguaçaes lodosos.

Borboletas voavam por entre os ramos e, de espaço a espaço, insinuando-se pelos escassilhos das franças, um raio de sol descia

á terra, abrindo-se em disco luminoso nos balseiros de folhas ou rebrilhando tremulo nas marnotas enxameadas de moscas reluzentes.

O comboio penetrava a passo. Por vezes um grosso cipó em redouça forçava os cavalleiros a curvarem-se sobre os animaes ou era um tronco, atravessado na trilha, coberto de tortulhos como um cadaver a rebentar em podridão.

Um soído perenne zunia no silencio augusto. Teias d'aranhas oscillavam abertas entre os galhos e os insectos fugiam-lhes ainda que, não raro, desviando-se, em vivo golpe d'azas, da que se lhes antolhava diante, esbarrassem em outra, escondida na sombra, onde ficavam captivos. E zumbiam vibrando desesperadamente as azas, em esforços de se arrancarem á cilada; e a aranha, ao centro, impassivel, quedava encolhida, certa da segurança da presa.

Iam os comboieiros vagarosamente quando a *Faisca*, que se desviara para uma estrada, estacou d'orelhas tesas, olhando a fito.

O resto da trópa esbarrou espantado, como ante um muro que, subitamente, se houvesse erguido. Alguma coisa assustara os animaes, detendo-os.

Effectivamente, por entre os ramos, subià um fumo lento e azul brilhando em gaze revolta ao atravessar um raio de sol.

Jão, espalmando a mão na garupa do macho, voltou-se para Soeiro:

— A mode que tem gente na beira d'agua.

— Mió ! disse o sitiante com indifferença. A agua defluia com um brando murmurio por baixo das hervas, espelhando, aqui, ali, em abertas até sahir livre num rego e discorrer crystallina sobre um negro fundo de lodo em que se desgrenhavam raizes capillares.

Insectos finos, ageis, resvalavam na superficie lisa da corrente investindo a um e a outro lado e negros bóbós, em forma de cravo, rabeavam em cardumes charfurdando na vasa ao perceberem os intrusos.

Os animaes, atolando-se lascivamente no lameiro, baixaram o focinho e puzeram-se

a sorver sofregos, agitando a cauda, com que zurziam os moscardos. Roncos e borborygmos sahiam-lhes do ventre, e, por instantes, rolou soturno, reboante na quietação silvestre o grugrulejo sedento da récua a desalterar-se.

Os cavalleiros apearam e Jão, que se mettera afoitamente ao matto, quedou junto a um penhasco, olhando. Os comboieiros seguiram-lhe as pegadas; só o sitiante conservou-se montado, as mãos juntas, pousadas no pescoço do animal, afrouxando as redeas para que elle bebesse.

Matutava distrahido, a olhar os altos fechados em rama espessa por entre a qual, com o bolir da aragem, appareciam bocadinhos de céu dando a impressão de flores azues abertas lá em cima, ao sol.

Japys chasqueavam e *rendeiras* davam estálos repenicados como estrillos de bilros.

A um aceno de Jão os comboieiros avançaram á sorrelfa, cautelosos, e o rapazola mostrou-lhes á beira da pequena lagôa, junto á nascente, um grande velho magro, com

os hombros em resalto giboso e espalhada á farta pelo peito, sobre os remendos dum casacão sovado, a barba longa e amarella como estriga de milho.

Curvado sobre um fogo de gravetos, que as taiobas protegiam do vento, assava, na ponta da faca, um tassalho de carne. O seu bordão, encostado a uma arvore, era alto e terminava em gancho como o dos santos. Um sacco de lona pendia dum ramo, e, numa pedra, jazia o largo chapéu de feltro. Os comboieiros olhavam e foi Jão que interrompeu o silencio pasmado cochichando:

— Não é gente d'aqui, não.

— Não é! affirmou o negro. Tem geito d'allamão. Oia bem. Até parece, mal comparando, o Judeu Errante. Aquillo é barba di criatura baptisada?! Oia só. Qui é qui ocê diz, Job? O outro, encolhendo os hombros, exclamou:

— Eu sei! Jão perguntou ao negro:

— Ocê tem corage di falá, Tarquino?

— Eu? Qu'é qu'eu tenho c'o esse bicho? Eu, não! Seja quem fô, não é da minha con-

ta. E deu volta. O caboclo seguiu-o. Jão ainda ficou a olhar, boquiaberto. Mas o velho Soeiro, ao ter noticia do encontro, quiz ver o homem e, apeando a custo, prendeu as redeas do pangaré a um galho e caminhou chapinhando no lodo flaccido.

Ao estrallejo da folhagem o velho voltou a cabeça biblica e, dando com o sitiante, carregou o sobr'olho encarando-o immovel, com o naco de carne a rechinar ao lume.

Os ossos do rosto saltavam-lhe sob a pelle crestada; a fronte, alta, escampada e lisa, tinha um brilho eburneo; a barba espalhava-se-lhe no peito e os cabellos brancos, em falripas, esvoaçavam á viração.

Os olhos pequenos, agudos, dum azul metallico, luziam no fundo das orbitas sob a espessa macega das sobrancelhas, e recurvo, afiado em gume, o nariz avultava-lhe no rosto, hostil como um bico de abutre.

Não fez menção de erguer-se, mantendo-se impassivel. Soeiro saudou-o:

— Deus lhe dê boa tarde. O homem permaneceu immovel, sereno, d'olhos fitos. Os

comboieiros agruparam-se em volta do sitiante e o negro sussurrou:

— A móde qui não intende. E, em tom presago, ajuntou: Quem sabe!

— O que? perguntou Soeiro, impressionado.

— Uai! A gente no mundo tópa di tudo. Não dixe qui elle anda pur ahi penando?

— Quem, criatura?

— Antonce mecê não sabe? e baixando a voz: o Judeu Errante. Oie bem nesse home. Onde é que já si viu gent'ansim? E o negro afastou-se persignando-se.

Soeiro não desfitava os olhos do velho:

— Ainda que mal pergunte: vosmecê é d'aqui? O homem relanceou o grupo com um olhar atrevido, mas levando o pedaço de carne ao lume poz-se a viral-o na ponta da faca, cerrando os olhos á fumaça que subia dos gravetos.

— Póde sê estrangêro, disse o negro.

— D'onde?

— Sei lá! O outro tambem é. E' lá d'essa terra damnada onde mataram Nos'Sinhô.

Oie, seu capitão, ansim com'ansim seja quem fô, o mió é a gente não se fiá. Bamo tocando! Quem tópa no mundo com esse véio perde a sorte, nunca mais levanta a cabeça. T'esconjuro! Bam'embora!

O caboclo foi o primeiro a retroceder cabisbaixo, enrolando pensativamente o cigarro.

Jão seguiu-o, tirou o macho pela redea, montou sem dizer palavra e abriu a marcha. Os comboieiros tocaram os animaes. Soeiro quiz insistir com o velho. «Talvez estivesse perdido...» mas o negro bradou:

— Bamo, seu capitão. Mamparriando ansim, nós não cheguemo hoje n'*Agua Santa*. E modi quê...

E Soeiro, não obtendo resposta alguma do solitario, montou o pangaré e já o chocalho da *Faisca* tilintava longe quando elle rilhou a esporas o cavallo, que arrancou num galão esparrimando lama e foi-se patejando no terreno molle.

Sahiram ao sol e, na segurança do ar livre, á luz plena, emquanto os animaes refeitos trotavam no macegal, aqui, ali, acogu-

lado em cupins, foram os comboieiros commentando o encontro.

— O bicho é feio qu'é damnado!

— Que barba!

— E ocê arreparô nos óio? Jão, que ia á frente, virou o macho, fel-o subir a um resalto para dar caminho á trópa no trilho estreito, entre barrancos, e esperou os companheiros. A *Faisca* passou num tira-tira firme e logo a récua em chouto socado. Quando os comboieiros chegaram Jão deu d'esporas ao macho e emparelhou com elles.

— A mode qu'ocê tambem não sympathisô có véio, heim Jãosinho? O rapazóla deu d'hombros. E ocê, Job? O caboclo pinchou uma cusparada e, endireitando-se no lombilho, disse:

— Queira Deus! Ocês não se alembra do caso de majó Rufino, do Engenho da Cariman?

— Eu ouvi contá, disse Jão e, tocando o macho para a ilharga do caboclo, pediu: Mas conta. Ocê foi de lá, não foi?

— Fui vaqueiro, por minha desgraça.

— E antonce?

— Majó Rufino era home de valia e acabô como acabô. Seu capitão deve s'alembrá.

Soeiro acenou de cabeça affirmando. E o caboclo narrou no silencio attento: Uma noite, com trovoada brava, no alumiá dum relampo, appareceu um véio no copiá pedindo pouso. Não dixe quem era nem d'onde vinha. Majó Rufino, que não acreditava nessas côsa, abriu a porta e arrecebeu o pilingrino. Dixe que quando elle poz o pé na sala a luz do lampião tremeu, as viga todas estrallaram e uma criança pagan, que tava drumindo numa estêra, acordô, sentô sosinha e chorô. Majó Rufino nem cumu coisa... O véio não se detô na rede nem tocô no prato de comida: andô toda a noite no quarto, bangu, bangu, de cá pra lá, de lá pra cá, falando só. De manhãsinha sahiu e bateu pé sem dexá rastro. Foi a desgraça que entrô naquella casa. Sem quê nem pruquê, que o anno não foi de secca, o cannaviá deu em murchá e mirrô da noite p'r'o dia, o gado cahia no campo bambo das perna, ca lingua pendurada, e morria. Nhá Clodina, muié forte que fazia gosto, teve uma

dô e morreu sem dá tempo p'ra nada, um raio poz fogo no paió até que majó Rufino, que já andava meio avuado, deu em dizê barbaridade contra Nós'Sinhô, querendo quebrá os santo da capella, mettê o machado no artá. Uma noite desappareceu e, até hoje, ninguem sabe d'elle. Diz que anda co Judeu Errante. Verdade ou mentira, o causo é que isso tudo aconteceu. O Engenho tá lá, terra boa, mió não ha e ninguem qué. Não é verdade, seu capitão? Sociro affirmou. Gado que pasta naquelles campo morre d'empache; fruta daquellas arves nem passarinho come.

— E ocê viu o véio, Job?

— Eu, não; graças a Deus! Tava na maiada. Quem me contô foi Firmiana, mãi do Tito selleiro. Calaram-se.

A luz crúa do sol scintillava nas pedras, o caminho crepitava, árido, sob o passo dos animaes. Da sombra de um umbú, solitario no páramo alvacento, um bando de pombas abalou com estridor d'azas demandando os alcantis ourelados de matto palhiço.

Pegões de vento adusto revolviam a poeira

levantando turbilhões que percorriam o agro em espiras torvelinhantes levando d'envolta folhas seccas. Nuvens cresciam tumidas accumulando-se na barra do céu empannado de nevoaça; e o calor abafava, enervava.

O silencio era de morte na fulguração implacavel. Longe em longe, em queixume, um pio d'ave soava. Os animaes reluziam de suor, abanando as orelhas, de cabeça baixa, olhos semi-cerrados, desfilando em chouto molle.

Subito: O' gente! bradou Soeiro, sustando o pangaré, a móde que nós bamo errado. O negro reteve a mula e, tirando o pito da boca, retrucou:

— Uai! Antonce vosmicê não conhece o *Pedregá*, seu capitão? Nós tamo no *Pedregá*. Daqui a um nadinha é a Lagôa d'Anta e começa o caminho bom, por meio dos cajuêro. E rindo: Havia de tê graça, gente véia perdê rumo. Mas o sitiante insistiu:

— E aquella matta acolá?

— Matta? Apois aquillo não é o *Buritysá*? Vosmecê tá esquecido? Sem responder, o si-

tiante tocou o pangaré e o negro atirou a mula pelo areal balofo no rastro do comboio, que ia longe levantando uma poeirada d'ouro.

Soeiro gemia entalando a cabeça nas mãos, as redeas esquecidas no pescoço do animal. Sentia como um capacete de ferro apuado que lhe fôsse apertando a cabeça, esmagando-a, varando-a, e uma sêde abrasada fazia-o recorrer, de instante a instante, á borracha, mas a agua grossa, morna, salobra, causava-lhe repugnancia.

Cuspinhava enjoado e lá ia á discrição do cavallo, ardendo em febre, queimado pela soalheira, tonto, a bambear como ebrio, sem consciencia do caminho que seguia.

Nuvens densas, escuras, subiam atropeladas no céu de cobalto, assediando o sol. Uma nesga alcançou-o e logo larga sombra rapidamente correu, alastrou a planicie arenosa. Era a tormenta improvisa, o assalto traiçoeiro da tempestade estival. Os raios do sol, escapando-se do sossobro, refrangiam em feixe sobre as collinas que haviam ficado atraz; e á frente era o negrume tempestuoso.

Surdos rumores retumbavam. O caboclo bradou:

— Aperta, gente! Agua véia tá hi, não tarda nada. Siricóra tá cantando.

— O mió é a gente tocá pr'o *Burytisá*, disse o negro. Tá li memu e a gente fica no rancho de Pajehú.

— No rancho de Pajehú! exclamou Jão num arremesso de espanto.

— Ocê tem mêdo, Jãosinho? Bobage! Deus dê vida e saude a quem já drumiu ali uma noite sósinho, no tempo das inleição, quando houve a queima do coroné Fernande.

— Ocê?

— Uai! Garrucha véia queria comê eu... Eu só e Deus. E não vi senão bacuráu e de voz só a do cururú no brejo. O lugá é bom e Pajehú fez um rancho p'r'aguentá tempo. Antes ali no gazaiado do que dibaxo de chuva por este estirão mardito. Oie! e apontou com o relho o arvoredo, na baixada. Voltando-se, então, no lombilho, encheu a voz e falou a Soeiro distanciado: Capitão, o mió

é a gente tocá p'r'o rancho de Pajehú, ante de cahí o tempo.

Soeiro não respondeu e com a cabeça tombada, anciando e gemendo, á distancia, parecia cochilar no lombo do pangaré que acompanhava passivamente o comboio.

— Toca ! ordenou o negro, e o caboclo, esporeando a mula, bradou a Jão:

— Toca p'r'o *Buritysá*.

Rija lufada levantou uma poeira densa e o rapazola, tomando a dianteira, estalou a taca. A *Faisca* amiudou o passo puxando a tropa. E tragico, a um clarão livido, ribombou o estampido do primeiro trovão.

II

O *Buritysal* era uma explosão de verdura.

Depois da immensa, rasa e desolada planicie, amarellenta ou branca sob o areal calcinado, queimando e reluzindo ao sol, avultava improvisa aquella matta soberba como a expansão violenta do humus recalcado, o rebojo impetuoso da seiva abafada sob o solo torrido, impermeavel daquelles páramos, affluindo em viço sobrenatural, dando á paizagem plethorica a grandeza desconforme de um paraiso no limite de um inferno.

Era um luxuriante, acceitoso oasis extremando-se da inclemente lhanura, com as

fontes em borbulhos escachoantes, fios ligeiros e crystallinos d'agua serpeando, abafeiras traidoras sob hervaçaes, troncos monstruosos, palmeiras esbeltas, fétos em rendas delicadas, mimosas, avencas e tramas aereas de cipoaes que parasitas enfeitavam como floridas cestas, oscillando de leve ao sopro da aragem.

A terra molle, pastosa e negra, reçumava em apojadura perenne como um peito turgido que dessorasse alagadoramente escoando, aos golfos, as sobras revessadas pelas raizes fartas.

As veredas desappareciam da noite para o dia ao pullular fantastico das hervas. Em torno da raiz resaltada dum tronco rebentavam renóvos, enfolhavam-se, eram, em breve, outras arvores.

Os ramos vergavam e altas, densas, as frondes, unidas espessamente, pareciam a cópa duma só arvore prodigiosa onde se juntavam, com um chalreio, um grasnido atroadores e silvos, guinchos, pios: aves, saguis, macacos e, sem descontinuar, choviam, em

estalidante saraivada, frutos, coquilhos, galhos seccos, cascas de arvores como se os animaes se divertissem esbulhando a floresta que os agasalhava e nutria.

Uma lagôa escura espraiava-se adormecidamente, larga e quieta, em sombra lugubre. Em torno, pelas margens resvaladías, eram hervas intonsas, flores bizarras, arvores pendidas, ramos arriados com as folhas immersas, apodrecendo nagua velada e subindo erectas da marnóta, dentre folhas em patena ou em discos de bordos revirados, nymphéas languidas abriam corollas magnificas de finas petalas transparentes, embalsamando venenosamente o ar.

E a vida do vasto rebalso era animada pelo vôo enxameado das moscas luzentes, das lavandiscas que esfusiavam, dos mangangás que zuniam, dos grandes besouros que passavam d'arremesso e, não raro, o *pium* inflectia num bóte de frécha, levando no ferrão o virus que inflamma e abre a carne em ferida.

Cotias ariscas atravessavam as abertas

aos pinchos, sentavam-se levando a comida á boca com as patas, olhando desconfiadas e, ao mais subtil bulicio, mettiam-se sob a folhagem. Siricoras cantavam á beira d'agua.

Por vezes, com forte bater d'azas, o mutum remontava dum cerrado ás franças altaneiras.

Triste, funebre, a espaços o urú gemia na espessura e, longe, a araponga metallica rangia limando o canto até resoar, d'impeto, em golpe de malho que repercutia tinindo.

A sombra era fria, um ar de caverna circulava e, como fechando o interior com sellos mysteriosos, aranhas estendiam as teias em todos os pontos — entre os galhos altos, nas redes dos cipós, no caule dos arbustos, na herva rasteira que reluzia humida.

Era á entrada dessa opulencia bruta, cercada de matto aggressivo, que se acaçapava, como a esconder-se, a choça chamada — o rancho de Pajehú.

O comboio caminhou vagaroso, Jão á frente, guiando a *Faisca* em direcção á matta.

Obumbrava em crepusculo. O céu alumiava-se aos successivos, tremulos relampagos. Trovões rolavam, estrondavam em secco.

Longe, na deserta e funérea planicie, raios zebravam o negror das nuvens. Pegões de vento levantavam turbilhões de poeira.

Mal chegados ao rancho os comboieiros apearam, descarregaram os animaes, soltaram-nos no cercado e, recolhendo á palhoça, arrumavam os surrões quando ouviram as primeiras gottas de chuva bater, estralar nas folhas como pedradas e, logo em seguida, fragorosamente, despejou-se o aguaceiro.

O velho, indifferente a tudo, estendeu a manta no chão e deitou-se gemendo, com as mãos á cabeça, rolando desatinado, sem responder ás perguntas que lhe faziam. O negro fez lume, aqueceu a passóca, poz a chaleira ao fogo. Soeiro rejeitou o alimento, gemendo, encolhendo as pernas doídas como se lh'as houvessem marretado.

A noite veiu vindo tenebrosa. Os sapos começaram a coaxar, ora soturno ou vibrante, ora em gargarejado soído. Os grillos

estrillavam em rumorejo e, ao rijo lufar do vento, as frondes levantavam um rumor estrondoso como de cachoeiras precipitadas.

Tarquinio accendeu o pito e, de cócoras junto á fogueira, que laivava de rubro o palhiço da choça e ensanguentava os esteios fazendo dançar sinistras sombras desproporcionadas, lembrou o valente cangaceiro, terror daquellas paragens, Pajehú, que ali vivera homisiado, sahindo, á noite, a assaltar comboios, dispersando-os só com a fama terrivel do seu nome.

Tarquinio conhecia a vida do famanaz que tinha pacto com o demonio e contava-a em voz surda e pausada.

A lenha crepitava estrellejando faiscas. Por vezes, na cerca, um dos animaes bufava e, amainando a tormenta, discos de luar desceram á terra, clarões pallidos escorreram pelos troncos, luziram nas poças d'agua e nas humidas folhas e enxames de vagalumes romperam scintillando.

No recesso da brenha um som rouco re-

booou. Os animaes estropearam na cerca, assustados.

— Oia onça... ! disse a medo o caboclo; e fez-se um silencio de horror, todos attentos como á espera do novo rugido.

Soeiro sentou-se de golpe, as mãos nos joelhos, ancioso. Rolou olhos d'espanto, pediu agua em voz escassa e afflicta. Jão acudiu com a borracha e só, então, sentiu o calor que abrasava o velho.

— A mode qu'océ tá cum febre, nhôr pai. O velho não respondeu deixando-se cahir nos arreios, gemendo. O rapazóte communicou aos companheiros o seu cuidado:

— Ocês conhecé febre?

— Quem não conhece?

— Então vê si o véio não tem? O caboclo foi de vagar, passou a mão pela testa do velho, tomou-lhe o pulso, sentiu-lhe o offego do peito e, recuando, acócorou-se junto á fogueira:

— Febrão! Tá quemando.

— Vá vê qu'a gente fica aqui amenhan mod'elle... disse o negro.

— Isso foi do só bravo d'hoje. Eu tambem tô cum dô de cabeça, e o rapazote, que falara, comprimiu as temporas.

— Han! fez o caboclo. Os companheiros fitaram nelle os olhos sarapantados.

Elle puxou uma brasa para o cachimbo, calcou-a no fumo e, baforando uma fumaça, repetiu o arranque: Han!

— Que é? perguntou Tarquinio.

— Deus queira! Deus queira! Foi o diabo que mandô a gente entrá naquella caatinga damnada.

— O véio?!

— Han!

— Eu tambem já pensei nelle. Jão, boquiaberto, com o rosto reluzindo á chamma fulva, os cabellos arrepellados, olhava ora um, ora outro dos companheiros.

Rajadas de vento marulhavam na matta, vozes indefiniveis passavam na quietude. O luar clareava creando perspectivas estranhas — fundos de grutas, altares, vultos amortalhados.

O caboclo sahiu á beira da trilha olhando

a noite, as estrellas nitidas que appareciam pelos raros da folhagem escura.

As arvores como que se moviam torcendo-se em preguiçamentos voluptuosos, inclinando-se umas sobre as outras a combinarem traições e, outra vez, trágico, soturno, o rugido atroou, rolou mais longo.

Um dos animaes resfolegou na cerca e todos, atropelados, arrojaram-se d'encontro á estacada abalando-a.

— E' a damnada mêmo, disse o negro, juntando-se ao caboclo e, depois de attentar um instante, entrou, apanhou o rifle, sahiu ao meio da trilha e detonou. Um grande echo ribombou e houve um farfalho de folhas como em fuga precipite de patas. E o silencio restabeleceu-se mais profundo.

Soeiro poz-se a resmungar palavras vagas, tontas, incomprehensiveis. Jão acercou-se delle. O velho agitava-se, encolhia, estirava as pernas, jogava os braços debatendo-se angustiado.

Sentou-se circumvagando o olhar, poz-se de pé, aturdido, como estremunhado contrahindo o rosto em caramunhas.

De repente, avançando, ordenou: «Bamo, gente!» Quiz andar, mas oscillou, bambearam-lhe as pernas. Jão amparou-o nos braços, fel-o sentar-se junto á fogueira e, á luz, os comboieiros viram, com assombro, os olhos do velho enormes, esbogalhados e toda a cara sarapintada como apodrecida. O negro, escancellando a boca, mirava o patrão. De repente, atirando uma cotovellada, chamou a attenção do caboclo.

— Job, oia na cara do capitão. Oia bem. Não parece bixiga? O caboclo não respondeu, mas os olhos accenderam-se-lhe intensamente, alumiados para a visão sinistra. E' bixiga! segredou o negro recuando instinctivamente e cuspinhou.

Soeiro descahiu, estendendo-se no chão, guardado pelo filho. Os comboieiros esgueiraram-se sussurrando, foram ficar ao tempo, longe da peste putrida.

A noite foi lenta, apavorante com as mystificações do luar e os sussurros mysteriosos da matta. Os comboieiros, ao relento, olhavam o lume que vermelhejava no rancho, e

como o velho aquietasse adormecido, Jão sahiu pé ante pé, procurando-os.

— Onde é qu'ocês tão?

— Aqui, disse o negro e o rapazóte, guiado pela voz, encaminhou-se achando os dois sentados na raiz duma arvore.

— Ocês me deixaram sósinho.

— A gente tava aqui. Calados accenderam os pitos e puzeram-se a fumar. O rancho, com a fogueirinha accesa, lembrava um presepe. Os animaes inquietos farejavam.

O frio da madrugada retranzia como no inverno. Nos ramos altos boliam os passaros madrugadores e o ar acinzentava-se peneirado de nevoa rala que subia, ondulava como fumarada. A matta exhalava fragrante.

Um chalrado rompeu o concerto das aves; estrallaram bicos de tucanos e alegre, na gloria vívida da manhan, luminosa e lavada, os passaros preludiaram e começou o cantico de Laudes, o eterno e festivo louvor da natureza em que tudo entra, concorre ao côro — as aguas, o vento, os ramos, as pequeninas folhas, o insecto, o passaro, e todos os

animaes cada qual á sua maneira formando o unisono magnifico que recebe o sol.

Jão, que fôra diversas vezes espiar o velho, quando clareou, inclinando-se sobre elle, não conteve o horror:

— Gente! E' bixiga! Oia! Os comboieiros, num impulso de curiosidade, chegaram á beira do velho e olharam estarrecidos. O rosto vultuoso, cyanótico, empollado em vergões, era uma mascara hedionda. Os labios tumidos, arroxeados davam á boca o aspecto de uma chaga esponjosa, as orelhas grossas eram as de um lazaro e os olhos, sob as palpebras inchadas, sumiam num laivo de brilho baço. As pustulas tumentes agglomeravam-se em nucleos e viam-se-lhe as mãos papulosas, o pescoço rubro, maculado de estygmas. Queimava como um braseiro e o peito, no offêgo da respiração opressa, subia, descia fazendo ranger o couro do peitoral.

O horror estatelou o rapazola junto ao velho que parecia acabar na combustão da febre.

De joelhos, as mãos postas, os olhos cravados no pai, rezava devotamente fiado em Deus, só nelle. Subito, a uma ideia, poz-se de pé, procurou os companheiros e, vendo-os fóra, numa restea de sol, juntos, amedrontados, correu, e, arrebatadamente, numa voz rispida, silvante, disse aos arrancos, com lagrimas borbotoando:

— Gente, ocês tão vendo? foi o véio, o véio Judeu. Foi elle! E agora é a desgraça em cima de nós como no engenho da *Cariman*. A gente viu elle, teve perto delle, no ar que elle respirou, no caminho que elle pisou. A gente pegou mardição. Nossa Senhora me valha! Nossa Senhora me valha! E, agarrando a cabeça a mãos ambas, curvado, poz-se a andar, a gyro-gyrar clamando: «Nossa Senhora me valha, a nós todo! a nós todo!»

Os comboieiros, immoveis, com pena e terror, não acharam uma palavra de consolação, inertes, tolhidos, abobados.

Os animaes resfolegavam na cerca, anciosos pela ração da manhan e, em toda a

matta, estridula das vozes das cigarras, a vida acordava hilare.

Os comboieiros arraçoaram os animaes e cuidaram do almoço aquecendo-o fóra, á beira do rancho, a pretexto do fumo que podia incommodar o capitão.

Soeiro não dava accordo de si, denegrido, tumefacto, com a respiração aspera e curta. Por vezes um rouquejo estrangulava-se-lhe na garganta.

Jão, que não se lhe tirava de ao pé, inclinava-se sobre elle d'olhos muito abertos, pasmado da erupção violenta do mal. Ainda na vespera, posto que se queixasse de dores e molleza de corpo, ninguem o diria doente, senão molestado da viagem, e já trazia no sangue o veneno da peste que o apodrecia em vida.

Fio a fio as lagrimas corriam-lhe dos olhos. Os comboieiros chamavam-no, nem se voltava, ora de pé, ora de cócoras, enxotando as moscas que esvoaçavam ávidas em torno do moribundo. E pensava: Como havia de entrar em casa sem elle? Que diria

á māi velha, ás irmans? E onde o deixaria naquella matta, tão longe! tão só!

Soprava uma aragem fresca e elle sentia-se como chegado a um fogo. Seria o calor da febre que ia consumindo o corpo do velho que se lhe communicava em invisiveis labaredas? Tomou o pulso, premiu a cabeça, sentindo-a crescida e ôca, azoinada, atroando rumores cavernosos. Fogachos abrasavam-lhe o rosto, inflamavam-lhe os olhos ardidos. Numa suspeita levantou-se dirigindo-se aos comboieiros:

— Gente, a mode qu'eu tamem tô cum febre. Vê aqui. Estendeu o pulso ao negro que o tomou em dois dedos, com mal disfarçada repugnancia. Um momento fitaramse. Tem? O negro hesitou; por fim disse:

— Ocê tá meio quente, Jãosinho.

— A cabeça tá me doendo e tô me sentindo bambo das perna. Não vá eu tê apanhado a doença. Isso péga, Tarquino?

— Uai! qui nem visgo. Quando dá numa casa, varre. Mas não fica scismando.

— Mas não é bom abusá, aconselhou o

caboclo. Ansim cum'ansim, seu capitão, coitado...! A agora é a gente se precatá. E o negro, sentencioso e grave:

— Isso foi o judeu! Bem qu'eu dixe. Seu capitão tèmô, tá hi.

Jão ficou um momento absorto, a olhar. O sol penetrava pelo crivo das frondes, palhetava o solo humido, reluzia nas folhas, descia enviezadamente em faixas polvilhadas d'atomos.

Os comboieiros esvasiaram as borrachas para renovarem a provisão dagua na fonte proxima e foram indo de vagar, pelo matto denso, conversando baixinho. Jão ficou ao tempo, airado!

Grandes formigas cruzavam-se num trilhosinho carreando ovulos, migas de folhas; elle olhava-as como entretido, mas o pensamento estava longe, na casa. Via-a no dôce socego, alva diante do terreiro liso, com a criação a mariscar cacarejando e alegre, os pombos esvoaçando, os bácoros grunhindo e estendido, num amarellado d'ouro, o cannavial pegando com a varzea do arroz e

funda, longinqua, a montanha crespa onde as guaríbas roncavam annunciando as chuvas.

Um suspiro escapou-se-lhe do peito. Deu volta tornando ao rancho, agachou-se junto do velho contemplando-lhe, com piedosa ternura, o monstruoso rosto abostellado, sem feições e inerte.

A immobilidade do corpo impressionou-o. Poz-se a chamar baixinho: «Nhôr pai! Nhôr pai!» Sacudiu-o pelos hombros sentindo-o flacido.

«Nhôr pai!» Ergueu-se horrorisado sem, todavia, acreditar na morte e chamou-o, por fim, em grita: «Nhôr pai!» Nada.

Houve um grasnar espalhafatoso no arvoredo, azas ruflaram e a vozeada das maitacas passou num estardalhaço. Voltou o silencio e a voz solitaria do urú melancolico gemeu monótonamente no fundo do bosque.

Jão cahiu de joelhos, mãos postas, chorando: «Minha mãi do ceu! Minha Nossa Senhora!» e, diante do corpo, sem sentir a

orphandade, só pensava, como em um crime infame, no abandono em que o ia deixar naquella solidão, coitado!

A voz dos comboieiros tirou-o do estupor em que cahira. Sahiu-lhes ao encontro, lavado em lagrimas, num descorçoamento de criança perdida, a soluçar, sem animo de dizer a verdade triste. Encostou-se a um tronco, inclinou a cabeça ao braço e ficou chorando.

— Que é, Jãosinho?

— Morreu! Nem a gente viu. Mas no rancho um grugrulejo lugubre resoou rascante. Precipitaram-se os tres e viram o velho escancellando a boca, retesando-se, horrivel na deformação tumida do rosto, com os grossos beiços batendo em palpitação convulsa até que, serenando, aquietou.

Um raio de sol, atravessando uma aberta da palha, punha-lhe nos cabellos brancos uma aureola como de santo.

Os comboieiros, immoveis, olhavam silenciosos. Jão, de joelhos, as mãos nos olhos, soluçava desesperado.

Repentina lufada espalhou a cinza da fogueira. O negro retrocedeu, sahiu; o caboclo foi-lhe nos passos e, junto á arvore, ao sol, ficaram um momento calados.

— Ocê qué sabê, disse por fim Tarquinio, Jãosinho tá c'a bicha. Tá ardendo em febre e c'a cara cumeçando a pintá. E nós tamem, Job, nós tamem, si não foge... O caboclo, de cocoras sobre as pontas dos pés, picava fumo na palma da mão.

— E ocê qui acha?

— Eu? Encararam-se. O pensamento era o mesmo, covarde e supersticioso nò espirito de ambos, nenhum, porém, tinha coragem de o dizer. O negro poz-se a andar entre duas arvores coçando arrepelladamente a carapinha. O caboclo atulhou o cachimbo, pegou lume e chupou a fumaça.

— A gente deve di tê caridade, não digo qui não, murmurou o negro, mas num causo ansim, morrê atôa... Si ainda a gente pudesse dá remedo... Ocê não acha? O caboclo deu d'hombros, indifferente. O mió é a gente sahí. Vai di galope, chega im casa, conta a

desgraça, póde trazê seccorro. Aqui, qu'é que nós faz? tenta a morte só.

— Ocê qué í?

— Ocê vai?

— Ocê indo...

— Apois...!

— E os animá?

— Os animá fica; a gente vorta. Indo escoteiro a gente vai mais depressa. Ocê não acha qu'é mió? O caboclo levantou a cabeça, ficou um momento olhando o rapazote sentado no fundo do rancho, immovel junto ao cadaver do pai. Commoveu-se e meneou com a cabeça, desalentado e com pena. O negro, receiando que elle se arrependesse, animou-o. Antonces? Bamo ou não? A gente tóca e, de madrugada, no cantá do gallo, tá batendo em casa.

— E Jãosinho?

— Jãosinho?... O negro, então, teve a franqueza cruel. Ocê não vê qu'elle tá cum febre, criatura? Ocê qué qu'elle vá por ahi pesteando tudo? O caboclo carregou o cenho, fitou duramente o companheiro. Uai! anton-

ce que curpa tem os outro? A gente ha d'i por ahi cum pesteado espaiando a morte? S'ocê qué í, bamo, sinão... não.

Deu-lhe as costas de mau humor, e, tirando a faca da cinta, poz-se a lanhar o tronco da arvore. O caboclo guaiou: Ai! ai! e, lentamente, foi-se matto dentro, pensando.

A serenidade do bosque contrastava com a flagrancia da luz despejando-se em torrentes por todas as abertas, a enfeitar, a aquecer o interior versudo onde as folhas douradas tremeluziam, bailando á leve respiração das auras. O ziziar e o cicio das cigarras mantinham na brenha uma zoada estridente.

Na faina do cibo, do reparo dos ninhos, os passaros mal piavam, voando de ramo em ramo. Borboletas desferiam em alôr indeciso, hesitantes, como desorientadas no entrelaço da ramaria.

Os animaes da tropa, inquietos na cerca, escouceavam, pinoteavam, aos búfidos.

Tarquinio, sentado na raiz da arvore, raspava a terra com a ponta da faca, interrompendo o desfilar laborioso das formigas, fa-

zendo-as desviarem-se; em impeto de raiva subita esmagava-as resmungando contra o companheiro, não se conformando com o destino de acabar como os patrões que lá estavam no rancho: um estirado, morto; outro sentado, todo encolhido, com a cabeça entre os joelhos, ardendo em febre.

Assobiaram no matto. Levantou-se de golpe, attento. Outro assobio varou o silencio morno: era o caboclo que o chamava.

Sorriu contente, com a certeza de que elle, emfim, decidira partir, fugindo á morte que os rondava mysteriosamente. E foi-se, a correr, na direcção do appello.

Rolas abalavam com estrepitoso bater d'azas á passagem do negro, que bracejava nas hervas altas como um nadador entrando ao mar, com agua pelo peito.

III

Não, no silencio de somno em que se aquietára a floresta, deu por falta dos comboieiros. Relanceou o olhar febricitado em torno: discos de sol amedalhavam o chão, reluziam nos surrões suados.

Rôlas mariscavam em volta do rancho confiadas no quiéte d'aquelle abrigo sempre deserto e, além do vôo surdo das aves, a instantes estalava um ramo, uma folha remoinhava, cahia de leve.

Onde estariam elles? catando frutos no matto, talvez banhando-se na fonte. Tomou o cachimbo, mas, ao desembainhar a faca para picar o fumo, desistiu com repugnancia. O cheiro ácido do morto enjoou-o.

Levantou-se passando a manga do casaco pela boca e, indo e vindo no rancho, cabisbaixo, ruminava o pensamento torturante de afastar-se do pai, de o deixar na floresta abandonado sem que, ao menos uma vez, a sua gente lhe enfeitasse a sepultura e accendesse uma vela á sua cabeceira.

Essa ideia, porém, fel-o deter-se: lembrou-se do enterro. Era tempo. Deviam começar antes da noite porque o corpo já estava com mau cheiro. Para que os animaes, o tatú-péba principalmente, não profanassem o cadaver, cobril-o-iam de terra e de folhas fazendo pesar sobre ellas as pedras que encontrassem. Pobre velho!

O sol devia estar a pino no ceu. Chegou á beira do rancho, juntou as mãos á boca em porta-voz e bradou retumbantemente: «Eoooh!» A floresta resoou profunda. «Tarquino! Job! Oooh! gente!...» Novamente, sinistro, crêbro, aos latidos, o éco estrugiu cavo, rolando na espessidão. «Uai!...»

Ficou á espera, olhando, attento. Por vezes parecia-lhe ouvir resposta de muito longe

em alongado vozeio. Repetiu o aboiado: «Oooh!» e, preoccupado, murmurou: «Mas onde se metteu essa gente!?» A cabeça estalava-lhe em dores, as pernas afrouxavam-se-lhe e, quente, numa quebreira lassa, encostou-se a um dos esteios.

Pouco a pouco, em lenta invasão, tomou-lhe o espirito o pensamento da morte. Olhou, remirou as mãos, ora uma, ora outra, arregaçou as mangas do casaco e examinou os braços. Alargaram-se-lhe os olhos apavorados ao descobrirem nodoas na pelle morena; tocou-as, premiu-as. O coração batia-lhe precipite; depressa, porém, voltou-lhe a calma repellindo a ideia sombria. Lançou um rapido olhar ao cadaver coalhado de moscas e sahiu. Sentia sede.

Embrenhou-se vagarosamente seguindo a vereda batida, retorcida em colleios, humida, sombreada até á fonte quasi sumida na luxuriante vegetação da qual sobresahiam os buritys graciosos.

A agua vinha d'alto, derivava em fios saltando nas pedras, crystalina e ligeira, atoa-

lhando as pomas lisas dos pedrouços, correndo sobre o limo avelludado até cahir na bacia formando bolhas diaphanas, limpida, espelhando o arvoredo e deixando transparecer o fundo de areia e seixos brancos.

Jão agachou-se, tomou uma folha larga, curvou-a em calha e, encostando-a á pedra onde a agua era mais abundante, canalizou-a á boca, bebendo a goles ávidos.

As ramas farfalharam. O rapazote voltou-se de golpe, sarapantado, procurando distinguir na penumbra fria, entre a folhagem verde-negra. O coração encheu-se-lhe, travou-se-lhe a garganta, os olhos, muito abertos, immobilisaram-se fitos.

A merencorea paragem lembrou-lhe a lagôa da caatinga onde lhes apparecera o velho errante.

Sobresaltou-se pondo-se firme, á espreita, correndo o olhar assombrado pelo bosque. Adivinhava a presença funesta do amaldiçoado, sentia-o, experimentava o seu prestigio maligno. Elle devia andar perto, tocaiando-o e, um momento, demorando o olhar em um

ponto, viu crescer uma sombra afeiçoando o typo do penitente: um grande velho abordoado ao cajado, sacco ás costas, as barbas longas, amarellentas, soltas, o olhar carregado e sinistro, a fronte escampada e lisa, côr de marfim, luzindo. Arrepiou-se-lhe a pelle, eriçaram-se-lhe os cabellos, um frio intenso gelou-o.

Foi instantanea a visão, mas o medo paralysou-o estarrecido, como enraizado, sem poder tirar-se daquelle ponto, os olhos sempre fitos na densa espessura em que se lhe mostrara o trasgo.

Era elle, o judeu maligno, semeador da peste, arrazador dos campos. Lá ia com o grande sacco de onde tirava, a mancheias, todas as calamidades, desde as pedras geladas que espalhava nas tempestades até as guerras.

A' sua passagem as fontes estancavam, o arvoredo esmarria, o gado tombava descadeirado, fervilhavam bicheiras nas malhadas e, não raro, no cahir de uma tarde azul, o céu escurecia, crepitava e uma nuvem de

gafanhotos baixava sobre as roças talando-as, de ponta a ponta, nas horas breves de uma noite.

Era elle!

E Soeiro lá estava no rancho assignalando a sua passagem e, dentro em pouco, todo o sertão verde estaria em alvoroço com o gado levantando o chôro triste em torno das cacimbas seccas, lambendo sedentamente o orvalho nas folhas, os rios em ipueiras e a gente faminta clamando em preces, percorrendo os campos em procissões amerceadoras.

Tremia sem folego, crispado de medo, a ouvir o perenne murmurio d'agua que lhe soava tragico como um chôro de angustia.

Arrancou-se, por fim, mas querendo fugir, logo se lhe emmaranharam os pés nas enrediças das hervas; vacillou, foi de encontro a um coqueirinho novo e, com o impulso, vergando-o, choveram-lhe no rosto finissimas gotas d'agua. Safou-se e, a correr, desatinado, sem attentar no caminho, metteu-se ao

matto, abalsou-se, perdendo-se no labyrintho espesso.

Voltou procurando a trilha. Eram só arvores, cada vez mais robustas e unidas, enleadas em cipós vigorosos, alongando raizes avergoadas á flor da terra empastada de lodo onde os pés chapinhavam.

Vôos assustavam-no e, ao relaxar dos ramos que elle, na fuga, levava ante o peito, tornando á posição natural, vergastando as folhas, era como se um inimigo o perseguisse em furia sanguinaria, quebrando galhos, derrubando troncos. Não se atrevia a olhar para traz, certo de dar de rosto com a figura funesta do judeu maldito.

Por fim a trilha acalcanhada appareceu. Orientou-se, entrou por ella de arranque, correndo e já avistava o tecto do rancho quando uma estropeada o fez estacar.

A matta parecia vir abaixo arrazada; estrondo formidavel crescia como á approximação de uma catastrophe e subito, aos saltos, um animal atravessou a trilha, outro, e um lóte amontoado, atropelando-se, passou atra-

vancadamente, apertando-se de encontro ás arvores em desabrida carreira com um surdo estrupído nas hervas.

Apezar do terror, no relance fugitivo, Jão reconheceu a *Faisca*. Era ella, a bestinha fiel, que lá ia espavorida e, pós ella, a récua desapoderada.

Quem teria soltado e espantado os animaes? Quem, senão elle, o judeu? Num apice chegou ao cercado, achou-o vasio, lançados por terra os travessões da tronqueira. Ficou arvoado, tonto, encheram-se-lhe os olhos d'agua. Quiz chamar, mas conteve-se transido de medo, certo de que só elle, o maligno, lhe responderia.

Os comboieiros... com certeza elle os tinha sumido, talvez nas aguas escuras ou nalguma grota, coitados! As lagrimas rebentaram-lhe por entre soluços, sentindo-se só e fraco, sob o prestigio do pesteador, com um cadaver por companhia. Pensou em fugir, mas como? Como aventurar-se sósinho, a pé, naquelle deserto, já com a noite a cahir?

Não conhecia os caminhos, era a primeira

viagem que fazia e tinha a serra brava, a matta grande, fechada, onde as suçuaranas erravam e o caapóra assombrava o viajante afoito. Se ainda passasse alguem, algum comboio...

Caminhou até á orla da floresta, olhou a immensa planura ao sol frouxo da tarde.

O occaso flammejava numa fulguração deslumbrante de ouro e purpura, e o sol, de um brilho de lamina, reluzia tremulo e para o outro lado a serra alta, azulada, embutida no céu violaceo, esfumava-se em nevoa com o desenho rendilhado do seu arvoredo em fino retraço, resahindo como bordado a matiz em tela de seda.

Não havia sulco de caminho, era a extensão vaga, desnorteada, profunda. «Nossa Senhora, valei-me!» invocou chorando e, lentamente, resignado, reentrou tornando ao rancho onde jazia o morto.

Ficou um momento parado, sem pensar, como desprendido de si. Olhou em torno e, vendo os surrões, caminhou pondo-se a examinal-os. Lá estavam tambem as mantas

de pelle, as cilhas de couro crú, os baixeiros, mas faltavam os de Job e de Tarquinio, e as suas borrachas e os seus rifles que elles haviam suspendido a uma das vigas.

Procurou-os e, pouco a pouco, gerando-se-lhe no espirito a suspeita da traição, sentiu-se ainda mais só, mais infeliz, perdido. A esperança, porém, justificou o desapparecimento dos evadidos: «Talvez houvessem sahido em busca de alguma coisa...»

Não se conformava com a crueldade covarde do abandono e, longe de descorçoar ante as provas da fuga dos comboieiros, tirou dellas razões de tranquillidade e, desde então, attento aos rumores vagos da brenha, sahia á beira do rancho se ouvia algum ruido, contando vêr os companheiros de volta — e achava sempre a mesma solidão.

E os animaes? esses sim, esses haviam arrancado achando o caminho livre, talvez por esquecimento dos comboieiros.

Sentou-se junto aos surrões, molle, dorido, a cabeça atordoada, em fogo, com uma sêde que lhe resequia e encoscorava a boca.

O fartum de carniça empestava o ambiente apezar da aragem fresca sempre reinante.

A floresta regosijava ao canto das aves que se recolhiam e o crepusculo escurecia rapido. O som d'agua longinqua tornava-se distincto no silencio e o barulho das frondes crescia soturnamente. Vozes tristes lançavam queixumes aqui, além e a espaços, a um vento mais forte, as arvores ramalhavam com escachôo. Os grillos acordaram guisalhando.

A noite evocava os seus comparsas para o mysterio do amor que eterniza, em constante reviçamento, a selva, que se infiltra nos veios de pedra, que deflue na correnteza das aguas, que percorre os troncos irradiando em seiva aos ramos mais delgados, que se espalha como prestigio dando a uma semente perdida em terra sáfara a força da vida, abrindo a flor no ramo, tirando da rocha a gotta d'agua, fazendo rebentar na podridão dos madeiros mortos o tenro novedio, multiplicando os germens na terra e nas aguas num pullular prodigioso e silencioso de encanto.

Era a irrigação seminal da natureza referta, o grande philtro do amor universal operando na treva discreta a perpetua e admiravel maravilha da reproducção.

Nimbos de luar cahiram no solo em escamas de prata, as folhas luziam e aos vôos baixos, ás corridinhas, os curiangús sahiam das moitas demandando a larga planura por onde a lua, solitaria no céu liso, como um immenso casúlo de algodão aberto, estendia a sua claridade triste tornando o deserto como um alvo areal, infinito como o céu, sem fronteiras nem sombras.

Jão arquejava, com as mãos por baixo da cabeça, encostado a um surrão.

Na sua desventura sentia-se pequenino, fragil como no tempo de menino quando, no copiar do sitio, em noites como aquella, no aconchego da familia, sentava-se na barra da saia da mãi, com a cabeça nos seus joelhos, sentindo-lhe os dedos meigos nos cabellos, ouvindo-lhe a voz lenta e carinhosa dizer as aventuras das historias, o poder dos genios e das fadas, a riqueza das cidades

grandes, dos palacios reaes onde se celebravam as bodas de princezas de cabellos de ouro com principes formosos e valentes, que haviam vencido dragões em cavernas amontoadas d'ossos. E pensando, recordando, sentia lagrimas descerem-lhe pela face e, com um olhar que via atravez do espaço, longe! acompanhava o viver domestico. Áquella hora, a mãi e as irmans, sentadas no *copiar*, contando com elles, já, talvez, preoccupadas com a demora, caladas, attentas aos ruidos subtis da noite, voltavam-se, de quando em quando, para o caminho illuminado ou cirandavam preparando a ceia — coalhada fresca e alva e beijús de leite que se esfarelavam entre os dedos.

Os labios tremiam-lhe numa palpitação commovida. E intima, no peito, a voz d'alma falava-lhe com humilde ternura: «Minha mãisinha do coração, que vai sê de mim?! Reza por mim, pede a Nossa Senhora que me sarve! E ocê, Nóca, minha irman; e ocê tamem, Thereza, pede; pede, gente; pede a Nossa Senhora mod'eu.»

E, no relumbrar do sonho, parecia-lhe vêr a scena suave — as mulheres correndo ao oratorio, ajoelharem-se juntas, rogarem, de mãos postas, á pequenina imagem.

Farfalhejo de folhas, estrépito de galhos arrebataram-no do arroubo. Seriam elles, os comboieiros? Esticou o pescoço, franziu as palpebras olhando agudamente, a fito.

O luar alvadio dava á floresta um aspecto funereo e fantasmagorico — sombras bizarras oscillavam lentas, lampejos iterativos alumiavam profundidades; folhas levantavam-se do chão, pareciam vivas e rolavam no levar da aragem. A espaços, um rangido rascava irritante.

Um vulto esgueirou vagaroso, sorrateiro beirando o rancho. Jão estremeceu num arrepío; reseccou-se-lhe instantaneamente a boca, arderam-lhe os olhos esbraseados, o coração estacou para arremetter precípite, aos rebates. Encolheu-se tiritando, batendo os dentes, hirto, reconhecendo uma onça.

Quiz levantar-se, tomar o rifle, ali pertinho, ao alcance da mão, encostado a um dos

esteios, mas temendo avisar a fera, denunciar-se com o rumor, quedou.

As folhas seccas crepitavam sob as patas macías do animal subtil e elle abafava sem ar, estrangulado, com as veias turgidas latejando, uma sensação de vasio no ventre que arfava.

O ruido trépido distanciou-se, perdeu-se, abrindo-se um silencio pávido.

Subito, porém, um baque resoou no cercado, paus estalaram, rolaram e um resfôlego longo bufou fremente.

Jão foi-se, aos poucos, soerguendo nas pernas tremulas, que vergavam, apoiou-se em um dos surrões, estendeu mollemente o braço e, apanhando o rifle pelo cano, mal poude trazel-o a si.

O coração batia-lhe tão forte que todo o rancho e a floresta parecia-lhe estrondar com as pulsações desordenadas. As temporas inchavam-lhe e, nos ouvidos azoados, era uma surdina fina, percuciente que os penetrava á maneira de uma verruma, terebrando-os até o cerebro.

A garganta secca, travada, a vista turva, a instantes fulminada por um fusilar iriado, braços bambos, as pernas entorpecidas, Jão esmorecia. O olhar, aberto e assombrado, circumvagava espreitando em relances de agonia.

A quietação aterrava.

Uma sombra appareceu no luar, em frente ao rancho, logo em seguida a fera, agachada, quasi de resvalo, em surdo caminhar attento.

Parou, esticou-se no chão varrendo as folhas com a cauda. Olhava embevecida; um surdo rugido trovejou-lhe no peito. Subito, voluptuosamente, afocinhou as hervas.

De impeto, lésta, poz-se de pé e, firmando-se nas patas trazeiras, levantou-se, alta, enorme, apoiada ao esteio; curvou-se, retesou-se e, nervosa, poz-se a raspar a madeira ás unhadas. Ficou immovel, d'orelhas murchas, mas entrou a ondular em reboleios de volupia, a agachar-se, a esticar-se em movimentos elasticos e a cauda flagellava as folhas, retorcia-se-lhe em colleios serpentinos.

Derreando a cabeça abriu escancellada-

mente a fauce em bocejo roncante e deixou-se cahir sobre as patas molle, pousando sem ruido, como se o solo fosse uma alfombra fôfa.

Esteve a olhar embevecida; por fim, em passo lento, leve, entrou no rancho e, arisca, desconfiada, pé ante pé, chegou ao cadaver.

Estacou corcoveada, hispida, rugindo, com arrepellos do lombo fulvo; volteou o corpo farejando-o aos búfidos; avançou uma das patas sorrateiramente, tocou-o e, como se o sentisse bulir ou com elle brincasse, saltou d'impeto a um lado.

Sentou-se, á distancia, em guarda, d'orelhas fitas. Lentamente foi levantando a cabeça, o pescoço retezo e poz-se a fariscar aos rónquidos. Os olhos reluziam-lhe em brasas e Jão via-lhe a corpulencia formidavel, a monstruosa cabeça eriçada de cerdas.

Poz-se de novo de pé, adiantou um passo. Nesse instante o pequeno, que apoiara o rifle em um surrão, fez um movimento. A fera sentiu-o e, rapida, voltou a cabeça e os olhos accesos coruscaram. Descahiu sobre as an-

cas, cabeça a prumo, attenta. Jão retrahia-se como se procurasse desapparecer em si mesmo, sustinha a respiração, revoltado contra o sangue cujo estuar parecia-lhe estrondoso: nem pestanejava. A fera decidiu-se e avançou, parando a um passo dos surrões.

Vagarosamente agachou-se sobre as patas estendidas e, um momento, manteve a attitude esculptural, mas de golpe, encolhendo o lombo, a bufar, vergastando, varrendo a terra com a cauda, rugiu rouca e rastejando, resvalando como um reptil, o olhar em chispas, adiantou-se cauta. O pequeno susteve o folego, deglutindo em ancia, d'olhos marejados. Subiu-lhe um grito á boca, a muito custo conteve-o; a alma retransida murmurava-lhe no coração: «Minha mãi! Minha mãisinha...!

Uma explosão de lagrimas inundou-lhe o rosto. As veias turgidas, engurgitadas inchavam a mais e mais como se fossem estourar. Sem ar, todo o corpo travado em paralysia, os dedos duros, as narinas aflando, cerrava os dentes aperrando as mandibulas que tri-

turavam e os cabellos cresciam-lhe espetados na cabeça como aculeos de ouriço.

A onça, segura da presa, magnetisava-a com os olhos relumbrantes.

Jão foi assestando a arma, pol-a em mira, mas quando quiz dar ao gatilho sentiu os dedos presos, forcejou, já sem calma, trincando o beiço.

Subito um clarão expludiu e o estrondo do tiro ribombou longamente no rancho, rolou pela floresta reproduzindo-se como em tiroteio.

Um miado forte, longo, agoniado, resoou em hiato, foram, em seguida, arranques esmorecidos como se a fera estertorasse em arrocho de estrangulamento. O corpo, rojado longe, no salto supremo, escabujava entre as hervas, aos rebolos, ora de flanco, ora de borco.

Ainda soergueu-se, arrastou-se, trambolhou adiante aos rouquejos, até immobilisar-se e calar.

Um grande vento passou estrupidando nos ramos, e Jão, sem animo de deixar a

sua trincheira de surrões, olhava o monstro, lá fóra, abatido, ao luar claro, e voltava os olhos para o corpo do pai, sob uma fita de luz, na sombra; e poz-se a tremer ante os dois cadaveres.

Sentia um calor de brazido; a cabeça andava-lhe á roda, ancias subiam-lhe ao peito. O espirito nublou-se-lhe em ideias confusas, rumores estranhos chegaram-lhe aos ouvidos — era toda a floresta que soltava os seus monstros. Lá vinham elles desembestados, patejando lerdos, galopando celeres, aos galões ageis, de rastos, aos vôos.

Jão ouvia a estropeada desabrida, cada vez mais proxima e já avistava os animaes corpulentos, de aspectos sobrenaturaes, investindo e desapparecendo dissolvidos no luar.

A visão tresvariava, como os demais sentidos. O que elle apalpava ou apenas tocava de passagem dava-lhe sensações estranhas de calor ou de frio, de aspereza ou molle, viscida, pastosa; o aroma silvestre cheirava-lhe a almiscar de alimarias, um acre fortum

de fauna em cio; ante seus olhos lumes fatuos fagulhavam, coriscavam em sigmas e discos e elle tomava-os pela phosphorescencia iriada das pupillas cervaes.

As arvores abalavam-se em via de ruirem, sacudindo farfalhosamente as frondes aos esbarros dos brutos; as hervas dobravam-se, estalejavam sob as patas velozes.

O pequeno ergueu-se transfigurado. Era outro. Impavido, os olhos alargados e rebrilhantes, desafiava a bestialidade hostil. Um calor intenso envolvia-o como se os surrões ardessem, sentia a pelle empolar-se, despegar-se-lhe da carne num escorchamento de queimadura. Os beiços ardiam-lhe em carne viva; a lingua era uma sola, aspera e dura.

Então, sem mais considerar, empunhando o rifle, deixou o seu refugio. Bambeava nas pernas frouxas como se lh'as houvessem desligado dum longo e apertado arrocho.

Oscillando, agarrou-se ao esteio do rancho, mas sentiu-o tão quente que o deixou. Nos olhos atormentava-o uma sensação de areia, batia as palpebras e, com isso, mais

se lhe irritava o prurito. Passou pelo cadaver do pai que exhalava um cheiro morno, putrido, nauseante. Sahiu ao terreiro. Lá estava o corpo da onça estirado de flanco. Pareceu-lhe enorme e como de fogo, chammejando. Mais se lhe accendeu o calor, arfava. Levantou a cabeça de golpe e, como a lua apparecesse por um vão da ramagem, alva e redonda, reluzindo, encarou-a com odio. Era a sua luz que o queimava e incendiava a floresta.

Refugiou-se no escuro d'um moutal, mas o calor seguiu-o, era elle que ardia e as folhas comburiam, as hervas eram causticos, os cipós deixavam uma sensação urticante, subiam flammas tremulas da terra, o ar escaldava como se viesse dum forno.

Zoavam-lhe os ouvidos em estridor contínuo, a boca secca encoscorava-se-lhe e nas temporas eram latejos, martelladas que o atordoavam.

Um relampago deslumbrou-o, outro seguiu-se-lhe, outro, outro em surdas e crebras explosões.

De novo o estrondo cresceu temeroso como se viesse da brenha. Jão estava encarado com a selva lembrando-se de uma historia que ouvira em casa e, instantaneamente, numa volta do delirio, encarnou o heróe da narrativa — Jãosinho da espada, que andava em aventuras atravez da floresta encantada, combatendo dragões de escamas de ferro e halito de fogo, vencendo gigantes, talhando arvores colossaes, fendendo rochedos com a sua espada infrangivel que cem homens não conseguiam levantar do chão. E Joãosinho da espada era elle.

Cresceu a medir-se com o mysterio, a affrontar-se com os poderes da selva, levado pelo delirio. Parou, levantou o rifle e fez fogo. O arvoredo atroou soturno, mas o seu corpo enfraquecido não resistiu ao recúo da arma — tombou em terra e, em subita agonia, levou as mãos á cabeça apertando-a desesperadamente, a gemer, como se lh'a atravessassem com pregos e a fossem abrindo, lascando e triturando-lhe os miolos.

Atirou-se na relva aos ais! rolando, re-

bolcando-se na frescura das folhas humidas. Soergueu-se, mas as forças faltaram-lhe e recahiu mais agoniado, rangendo os dentes, recravando as unhas na terra, a arrançar punhados de hervas.

Um peso arriou-se-lhe no peito como se um tronco houvesse abatido sobre elle esmagando-o e a cabeça, num atordoamento doloroso, como que se lhe despegava do corpo. Mas a dôr foi amortecendo, abrandando e cessou.

A pelle crispava-se-lhe em tremuras e todo elle ardia esbraseado.

Abriu os olhos — um clarão queimou-os: tudo fulgurou em torno, mas, instantaneamente, a noite ennegreceu, fez-se profunda e calada e um frio de neve roçou-lhe o corpo em rispido arrepio.

Estremeceu, um rouquejo escapou-se-lhe da boca.

O luar reluzia na folhagem espessa e, ao lento mover dos ramos, pelos raros das folhas, escorriam faixas de luz ao longo dos

troncos, abriam-se livores no solo escuro. De repente, sibilantemente uma cigarra cantou, em sonho, talvez, e foi em toda a brenha tenebrosa uma alacridade juvenil de aurora.

ESCRUPULO

Alcançando o alto da ladeira, Florindo resfolegou de rosto ao mar, vasto e liso, lampejando, lá em baixo, sem vela ou fumo, ás ultimas fulgurações do sol.

O céu empallidecia exangue e a linha da costa, desde a ponta de Santo Antonio até as barrancas alcantiladas de Porto Seguro, em recorte que se esbatia do verde escuro ao violete, ia esmaecendo sob a pulverisação finissima da nevoa.

Na praia, onde o Aracacahy, d'aguas rasas, abria-se em derramada barra, defluindo para o mar, os coqueiros pareciam de bronze — uns erectos, com as palmas em plumas,

outros descahidos, desgrenhados como se por elles houvesse passado a furia de um cyclone.

As ondas rolavam na praia aos rebolos, alastrando o areal de espumas frouxas e o soído estridente das cigarras crescia num desesperado appello, sahindo de todos os pontos, á medida que o crepusculo baixava com a serenidade inflexivel de uma sentença.

Bandos de jandaias, descrevendo figuras estranhas no ar, ora em filas, avançando de frente ou em linha estirada como uma fita a ondular ao vento, ou em circulo, á maneira de um rosario que fosse esparzindo preces pela altura, voavam em rumo ao mar; logo, porém, em graciosa evolução, retrocediam, sempre a chalrar, e perdiam-se nos longes da terra.

A caieira, num canto da praia, ainda fumegava; mar a dentro, a baixinha da Corôa Vermelha ensanguentava as aguas, como um tapiz de coral e em terra a cruz dos Capuxinhos abria os largos braços, solitaria e sem Deus.

Florindo sentou-se á beira do matto, todo emmaranhado na hervagem densa do melão de S. Caetano, e ali ficou a olhar distrahidamente as pombas que ainda mariscavam, a ouvir um insistente, monótono resôo, alguem a derrubar aderno ali por perto, áquelle resto de sol macio.

A tarde esfriava; estrellas limpidamente surgiam no céu com um brilho puro, diamantino, que a sombra a mais e mais avivava.

O caboclo tomou o isqueiro, feriu lume e esteve um momento a olhar a mecha incendiada; por fim, tirando o cigarro de traz da orelha, accendeu-o e, esticando as pernas, com as mãos espalmadas nos joelhos, quedou pensando, a soprar de leve frouxas baforadas.

Subia gente do ribeiro da Fonte, mulheres, crianças, rolando barrilotes ou trazendo á cabeça latas e vasilhas de barro.

Saudavam-no, elle correspondia em resmungo, desleixado, e deixava-se estar inerte, banzando.

Mas uma voz fel-o mover-se. Ergueu-se lésto e ficou á escuta. A voz era meiga e

afinada, esparzindo nos ares doces uma queixa de amor.

Florindo sorriu e o seu rosto largo, côr de cobre, transfigurou-se. Avançou resoluto soprando longe a ponta de cigarro e, mettendo-se por entre uns cajueiros que beiravam a trilha, cobertos da folhagem espessa da jarrinha, ali ficou á espreita.

A voz aproximava-se sempre meiga; por fim a dona assomou vagarosa ao alto da ladeira. Era uma moreninha côr de jambo, linda! O corpo fino, esbelto, ondulava voluptuosamente ao passo demorado; o rosto redondo, de linhas ainda infantis, vinha aberto num sorriso de enlevo e os olhos brandos, amortecidos e negros, como os cabellos, cerravam-se como em preguiça.

Descalça, com o vestido sungado, viam-se-lhe as pernas, até quasi aos joelhos, carnudas, bem feitas e, como o casaco se lhe houvesse molhado apegando-se-lhe á carne, o collo desenhava-se-lhe, como em nudez — os pequeninos peitos rijos apontados, apparecendo sob a transparencia da chitinha humida.

Devagarinho, entretida no canto, com o braço em curva airosa para manter a bilha, caminhava.

Florindo sorria espiando-a pelas abertas da trepadeira enlaçada nos ramos. Viu-a passar e lésto, subtil como a sussuarana, deixou, pé ante pé, o seu esconderijo e, rapido, num salto, lançando-lhe as mãos á bilha, tirou-lha da cabeça. A moreninha soltou um grito assustada e ia correr quando o caboclo, tomando-lhe o braço, fel-a voltar-se. Dando com elle a rir, fez um momo, estalou um muchocho e, endireitando o busto, fitou nelle os olhos apertadinhos, em gesto gracioso e reprehensivo a um tempo.

— Eu logo vi! Ocê não tem modo não, Florindo?

— Bonita! exclamou o caboclo num arremesso agachado do corpo agil.

— Ah!

— Qu'é qu'ocê prometteu? Fala! que foi? Ella baixou o rosto e poz-se a torcer a ponta do casaco encharcado. E murmurou:

— Oia só isto... Oia como estou d'agua...

— Escuta.

— Que é?

— Uma coisa...

— Diz...

— Aqui, não. Tomou-lhe o braço, tirou-a a si e, afastando as hervas ás braçadas, entrou com ella no mattagal espesso. As cigarras iam calando o chirrio, mas os grillos na terra e os bemtevis nos ramos ainda continuavam o cantico vesperal.

Ouvia-se a voz merencorea e soturna das ondas na praia.

O cheiro das hervas e da coirama embalsamava o ar.

No matto cerrado já a noite era escura, e Florindo levava a moreninha abraçada pela cinta, beijava-a, sentindo-lhe a pelle humida e fresca que lhe deixava nos labios um sabor sylvestre e daquelle corpo flexivel desprendia-se um fluido capitoso de mocidade que o estonteava.

Caminhavam pisando as folhas, apartando ramos verdes, quebrando galhos seccos. Silenciosos lá iam por aquelles meandros, ella

voltava-se ás vezes e, dando com os olhos delle, estalava um muchocho, apegava-se a um tronco, resistindo. Elle resmungava abrindo-lhe os dedos, um a um, e ella dengosa, remordendo os labios, languida, amollecida, deixava-se levar, brincando com as flores ou repuxando raminhos tenros.

Subito, porém, uma badalada vibrou. A morena estacou, cabeça a fito, attenta. Outra badalada, outra e, em seguida, sonoramente, repiques alegres.

O coração da morena bateu forte. D'impeto refugiu ao caboclo escapando-se-lhe do braço e, frente a frente, posto que mal se vissem no escuro, encararam-se e ella, de busto a prumo, fez um aceno negativo com a cabeça e, ajuntando o gesto á palavra, arquejou:

— Não! E deu volta.

— Que é que tem, tôla?

— Não, Florindo. Nossa Senhora é minha madrinha. Ocê não tá uvindo o sino?

— Antonce?

— Tá chamando p'r'ó Mez de Maria. E'

a festa de minha madrinha. Não! Nem é bom pensá nisso. Deus me livre. E, sem voltar-se, quasi a correr, saltando os mattos, a repuxar a saia que se prendia nos joás, fugia, sempre a ouvir os repiques do sino, cada vez mais vivos, chamando a gente daquelles cobes para o Mez de Maria.

Florindo, tambem supersticioso, não teve animo de resistir; mas quando chegaram aos cajueiros elle agarrou-a, tirou-a de novo a si e, em voz cálida, que tremia, concordando com o seu escrupulo, pediu-lhe:

— Oia, ocê tem razão... mas... e depois da reza? Depois da reza ocê vem?

— Não, Florindo. A gente tem de se casá... Pois não é mió?

— S. João ainda vem tão longe! suspirou o caboclo escarapellando a grenha.

— Quá longe! Farta menos dum mez. E ocê qué sabê, Florindo? não é a primeira vez que minha madrinha me sárva. Daquella feita, ocê não se alembra? quem podia esperá dobre de sino? e elle não começou a tocá a Nosso Pai...?

— P'r'o véio Trahira...

— Antonce? Não, Florindo, minha madrinha não qué.

— Isso é luxo...

— Luxo! E ocê qué que eu pérca minh'alma móde tolice, home? Isso não. Tudo tem seu tempo. Na hora sagrada não, isso não! E persignou-se. Iam sahindo á estrada quando pertinho luziu uma lanterna tremula. Recolheram precipitados e viram passar duas velhas seguidas dum cão.

— E' nhá Rita, mais a rezadeira.

— E'. E o caboclo sussurrou ao ouvido da morena: — Escuta... e depois da reza? Hoje a noite é de lua.

— Não... não... minha madrinha não qué.

— Ah! fez o caboclo. Ocê tambem é muito aborrecida. E, como a morena, sem resposta, désse um passo para apanhar a bilha, elle avançou e, segurando-a pelos hombros, insoffrido, pediu em voz plangente:

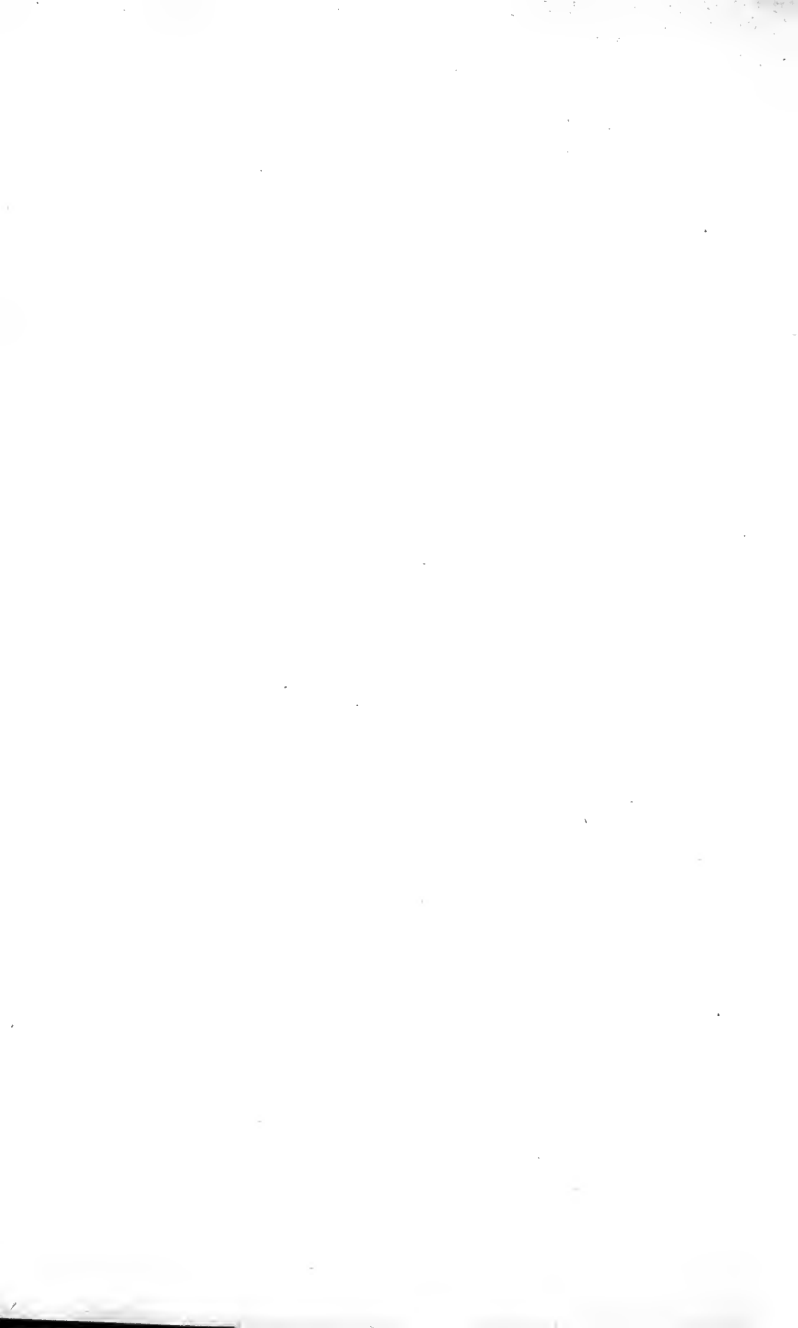
— Tá bom, um beijo só. Ella cedeu, entregou a boca e, longamente, ficaram naquelle extase até que a moreninha, num safanão,

repelliu-o sorvendo um longo hausto e apanhou a bilha tão estabanadamente que toda a agua extravasou. O caboclo, parado, num abatimento tórpido, chamou-a:

— Geninha! Ella deitou a correr e de longe, na primeira alvura do luar que abria, emborcando a bilha, disse:

— Tá vendo? Tá vendo o qu'ocê arranjou, seu diabo? Fazê a gente passá a noite inteira com sêde. Coisa ruim! E deitou a correr por entre as sebes cheirosas, rindo como uma louca.

O sino repicava alegre e hirto, no meio da estrada, tremendo como de frio, o caboclo ficou ao luar, plantado, immovel como um tronco.

ATTRACÇÃO DA TERRA

No ilheu aspero, árido, dum amarello tábido, arrugado em pomas e alcantis, eriçado em cristas foraminosas, poído em furnas e socavas por onde arremettiam d'impeto, aos estouros, grossos golfões de mar, a prumo, tesa, mastreando um pincaro, avultava escalavrada a torre do pharol. Como uma ostra apegava-se-lhe ao sopé a casa do pharoleiro.

Em torno e acima do escolho revoavam gaivotas.

Aqui, ali, em pontos salteados, eruptos agaves ouriçavam espathas; hervas bravías, hispidas irrompiam dos lanhos.

Crustaceos fervilhavam nas orilhas do penedío entre algas côr de limo que boiavam esguedelhadas como enormes arachnideos.

O oceano, infinito e tumido, rutilava deserto aflorado de espumas e os barcos, que surgiam nas extremas do horizonte, pareciam baixar do céu em vôo sereno, singrando em doce deslise, no alor das nevoas que fluiam ao sopro do vento brando.

Nos dias limpidos, sob o azul fúlgido, o ilheu sobrenadava de ouro no faiscante rebrilho das aguas, com uma orla de espuma férvida; aves esvoaçavam em bandos, investiam d'alto á vaga, remontavam batendo às azas largas ou ficavam em repouso no balouço da onda preando o peixe que esfusiava rápido. Com os aguaceiros do inverno, no furor dos ventos, sob as vergastas das chuvas, o ilheu retranzia-se.

Os vagalhões assaltavam-no, subiam-lhe pelas encostas ás grimpas rebentando estrondosamente em cachões d'espuma, despejavam-se catadupejantes pelas rampas alagando os desvãos, chegando em frouxos lençóes á

casa e, por toda parte, o mar estrondava, o vento zunía, a chuva ruflava em bátegas e sentia-se em torno, além do adensado nevoeiro que isolava o escolho, a madría tronando, rebòos de trovões, uivos do vento e, de longe em longe, uma gaivota, rompendo a borrasca, pousava num ermo e ficava a tremer, arrufada, oscillando ao vendaval.

Habitavam o ilheu o pharoleiro, a mulher e a filha e um ajudante, Bruno, antigo patrão de barco.

Os dois homens, unidos pela soledade, davam-se como irmãos e, ainda que taciturnos, de poucas falas, passavam os dias juntos — ora nas ribas concertando redes, afuroando o peixe nas madrigueiras, se não jogando sentados num escalão da rocha, quando não se mettiam lá em cima, no lanternim, limpando, lubrificando o apparelho, reparando estragos do vento no tempo das aguas.

A mulher, cabocla franzina e secca, de pelle tanada como a dos homens, mourejava

da manhansinha á noite e, emquanto a panella fervia, com appetitoso cheiro de guisados praieiros: peixe e mariscos, de longe em longe um pouco de carne secca — curvada na tina que, ora um, ora outro homem enchia com agua do algibe, lavava cantando modas da sua villa sertaneja, tão verde entre cheirosas balsas, fresca e murmurante de corregos, numa intimidade feliz de palhoças e ranchos, com laranjaes em flor e roças louras de canna e milho. Acompanhava-lhe a voz guaiada o marulho monotono das ondas em quebrança. A alegria do degredo era a pequena Sara.

Nascida ali, ali criada, o seu mundo era o parcel. Percorrendo-o de extremo a extremo, descalça, cabello ao vento, indifferente ao impeto das ondas, sempre molhada da cuspinhagem da ressaca, conhecia-lhe todos os desvios, desde as pontas mais ingremes até a gróta onde o mar gorgolejava expluindo ás detonações e os labyrinthos e canaes profundos onde, sob uma nevoa cerulea e lugubre, luziam balseiros dagua fuzilando em

lampejos argentinos ao fugitivo espadanar dos peixes.

Passava horas alapardada nessas cryptas soturnas escarranchada em arestas, agarrada ás aspas da rocha, gritando para ouvir o resôo do echo que se prolongava e retumbava em rolos de som pelas anfracturas da lapa.

Conhecia os pendores, as escarpas lanhadas em escaleiras, preferidas dos lagartos, ás vezes tão cheias delles que, á distancia, com o remexer dos bichos, as rochas pareciam arfar, mover-se, sacudir o dorso ao sol.

A mãi prendia-a á casa dando-lhe serviços para tel-a sempre junto a si, receiosa d'algum desastre naquelles passos perigosos, e, ao explodir resoante de vaga mais estrondosa, se a não via perto, lançava-se afflicta a procural-a, chamando-a aos gritos, correndo pelo espinhaço do penedío, resvalando aos abysmos, debruçando-se das arribas até dar com ella onde estivesse.

Encontrava-a, umas vezes defendendo

heroicamente o ninho das gaivotas: de pé num anfracto, apedrejando, a cascas de ostras, as gordas ratazanas que chiavam fugindo de roldão, lambusadas no gluten dos ovos destruidos. Ou então numa chan, ante um remanso limpido de mar, tão raso, liso e transparente que se lhe via o fundo amarellento, a cevar peixes que se atropellavam engalfinhados, arremettendo ao lambisco.

O mar não tinha segredos para a pequena — pelo bolhar ou crispar da superficie sabia se eram levas de garoupas ou cardumes de sardinhas que passavam; roteava por um expluir de espumas a marcha dos tubarões, distinguia ao longe as aguas-vivas.

Mas o seu prazer — e iam-se-lhe os olhos nelle — era seguir as cabriolas dos botos rolando ao largo em rebolcos lentos.

Se avistava uma vela ou vulto de paquete emmaranhado em cabos, atufado em fumo, singrando na lisura lustrosa, cahia em scisma recordando as conversas que ouvia em casa sobre a terra, a mysteriosa terra grande e rica, cheia de cidades fartas, ondulada em

montes encrespados de selvas, reluzindo em fios de riachos, estendida em campos vastos e verdes como o mar, coalhados de rebanhos tenros, com pastorinhos mimosos e bem vestidos como os dos chromos.

Sempre, porém, turbando a doce idealisação das bellezas da terra fertil, pensava na morte. Não a comprehendia senão como um esqueleto armado de foice, rompendo das nuvens, direita aos homens, como as gaivotas, quando colhem o vôo e abatem na vaga sobre o peixe arisco. E tremia, encolhia-se arrepiada, relanceando em torno os olhos cheios de medo.

Mas a serenidade do céu e do oceano tranquilisavam-na e reentrava no doce sonho. Então pensava em Deus, no Deus das orações, cuja imagem soffredora lá estava, á parede, num quadro cercado de sempre-vivas; Deus, o creador de tudo, o Pai dos homens que navegam e das estrellas que brilham, dos peixes e das gaivotas, do sol e da lua, senhor do céu e do mar; Deus, que lá estava, entre luzes eternas, na igreja sonora, á sua

espera para baptisal-a, abençoal-a, tomal-a a si sob a sua mão direita.

Então desejava a terra com ancia, sentia impetos de arrojar-se ao mar, nadando, seguir os navios atravez do céu d'além, e entrar ás cidades ao som dos sinos, por entre soldados e jardins floridos, grandes bois, fontes borbulhantes e principes vestidos de seda, com espadins de ouro e chapeus de plumas, como nas historias.

A's vezes chorava frenetica num grande odio ás aguas e áquelle céu que lhe encobria a terra desejada.

Bruno, quando lhe falava da «capital» estendia os braços para um ponto onde, á noite, as estrellas luziam mais abundantes, e dizia-lhe: «E' ali!» E ella ficava olhando longamente, a fito, até que os olhos se lhe enchiam de sombras. Mas não comprehendia e tomava por brincadeira o que lhe affirmava o pai da immensidade do mundo, correndo um largo gesto que circulava o ambito do horizonte:

— Por toda a parte ha terra, praias altas,

de areias brancas com coqueiraes em palmas e lá p'ra dentro cidades cheias de palacios, cheias de mercados, com carruagens rodando, passaros, muita gente, musicas.

Não, a terra ficava, como dizia o Bruno, lá onde luziam as estrellas mais claras, alta, num monte azul, com arvores cheias de passarinhos.

E quando chegava ao ilheu o barco das provisões, Sara exultava feliz. Ia a correr e a rir, escorregando nas lombas, saltando das cuspides até á cascalheira da orla e, em alvoroço, pulava á prôa, ia pela bancada festejando, abraçando os tripulantes como para sentir o cheiro que elles traziam da terra e esquadrinhando, rebuscando nos vãos do barco como a buscar alguma coisa de lá e examinava, recolhia tudo — folhas, pedaços de jornaes, cascas de frutas, seixos. E, emquanto os homens demoravam no ilheu, não os deixava com perguntas e, quando partiam, subia ao lanternim do pharol e, lá de cima, dominando o mar, ficava-se a contemplal-os, acenando-lhes com um panno até que a vela

do barco, pequenina, confundia-se com as espumas que cotonavam o oceano.

Uma tarde disse-lhe o pai, afagando-lhe os cabellos salitrados:

— Quando fizeres dez annos, se Deus não mandar o contrario, irás comnosco á terra baptisar-te.

— Contanto que a morte não me veja, murmurou. A mãi rompeu de repellão:

— Ah! tola! Ocê pensa que a morte anda na terra como a gente?...

— Pois então?!

— Boba!

— Ella não sabe, coitada! desculpou o pai. E a cabocla, supersticiosa, explicou:

— A Morte não se vê e está em toda a parte, tanto lá como aqui.

— Aqui, não.

— Graças a Deus! bemdisse o pharoleiro. E a pequena, depois de considerar:

— Mas então só quando eu fizer dez annos?

— Só.

— E ainda falta muito?

— Dois. Tens oito. Sára encostou-se ao umbral e, de cabeça baixa, ali ficou contida num pensamento.

O sol baixava enorme, d'um fulgor metalico, reverberando ao rez das aguas que relumbravam e o céu aureo, estriado a traços flabellares, chovia gloriosamente uma poeira de ouro. Vagas rolavam pesadas em ampolas coruscantes e todo o oceano reluzia picado em scintillações.

O disco astral tocou a linha do horizonte com um brilho fremente e o mar, sob o occaso ardido, inflammou-se rutilando.

Foi um deslumbramento rapido. Vagaroso, num descer de pluma, o sol mergulhou. Houve um extase; ondas brincaram e a claridade foi-se, aos poucos, apagando — aqui, ali um brilho ainda, uma scintillação candente. Por fim, esmaecendo a luz, o mar reluziu em lustro oleoso.

Levantou-se um vento fresco, abrolhavam nas aguas frouxeis brancos, e, á luz meiga, aos bandos, vieram vindo as gaivotas e barulhavam entrando ás furnas ou reunindo-se

num alto, ficavam immoveis, ainda gozando o anoitecer. Fez-se escuro silencio.

Subito, num jacto explosivo, o clarão do pharol tremeluziu, largo e extenso, nas aguas.

Bruno lá estava na vigilia do primeiro quarto.

A familia recolheu á casa. A candeia aclarou o interior aceiado.

O pharoleiro sentou-se junto á mesa, accendeu o cachimbo e ficou-se a fumar, banzando. A cabocla ia e vinha nos arranjos domesticos — guardando a louça, dobrando peças de roupa. Sara metteu-se a um canto encolhida, o rosto na mão, a olhar a folhinha de parede, pregada em chromo bucolico, onde um moinho velejava alto, num colle, sobre um fundo risonho de céus azues e campos louros. «Estavam ali os dias, pensava a pequena. Tantos ! Era d'ali que a mãi os tirava um a um, de manhãsinha, ainda escuro e, mal os despegava, logo o sol rompia das aguas. E se ella furtasse alguns ! um, pelo menos !...»

Relanceou o olhar em volta — os pais estavam distrahidos. Levantou-se devagarinho e, de leve, foi destacando a folha, outra logo appareceu em baixo. Instinctivamente inclinou a cabeça lançando os olhos para a porta, a vêr se havia claridade de sol — a escuridão persistia. Sorriu e, d'impeto, arrancando a folha, amarfanhou-a, metteu-a no seio e, disfarçadamente, pé ante pé, caminhou direito á porta, sahiu e, curvada, cosendo-se com a parede, amiudou os passos, lançou-se, por fim, a correr.

Enveredou por entre as penhas, trepou á escarpa caleada a luar e, por lombadas e arestas que pareciam de gesso, chegou á beira do mar prateado onde as espumas ferviam em brilhos. Tirou o papel do seio. lançou-o ás aguas. O vento apanhou-o no ar, revolveu-o, levou-o. Sara não o viu cahir.

Olhava, mas a voz da cabocla veiu de longe, em grita: «Sara!» Voltou-se. A onda lenta preguiçava na rampa, envolvendo-lhe os pés em humida caricia. «Sara!» Lindo,

o luar palhetava as aguas. E a luz do pharol, como ia longe!

Quem seria o pharoleiro lá em cima, na lua? Ah! se fosse o pai... que bom! Ali sim, perto, pertinho das estrellas... Poderia ir d'uma a outra, correr na estrada de S. Thiago, brincar por ali fóra. Que bom!

Um lume riscou os ares, apagou-se no mar; outro passou; além eram muitos voando. «Deus te guie!» balbuciou a pequena. E, longe, a voz afflicta: «Sara!»

Fez-se de volta sem pressa, d'olhos no céu, com a saiita espadanando ao vento e resvalava ao longo d'uma fraga, apoiando-se ás anfractuosidades, quando sentiu-se agarrada, sacudida aos safanões pela mãi, que rugia por entre dentes cerrados:

— Onde é que ocê foi, diabinho? Ocê não toma emenda? Eu já não disse que não te quero lá fóra, de noite? Já p'ra dentro! Empurrou-a. A pequena tropeçou na soleira e, desamparada, rolou de borco aos pés do pharoleiro, chorando. O homem levantou-se

de golpe, estendendo o braço a defender a filha:

— Deixa ella, Maria! A cabocla, enfurecida, explodia ameaças, mostrando o tamanco que tirara do pé. Deixa ella! insistiu o homem levantando a criança. E, sentando-se, acolheu-a, alisando-lhe os cabellos humidos, afagando-lhe o peito ripado sob a camisa fria. «Olha só como ocê tá molhada! Tua mãi tem razão. Vai mudar essa roupa.» Mas a pequena agarrou-se-lhe mais ao pescoço, com medo. O mar á noite é perigoso, minha filha. Tua mãi tem razão. Ocê não vê a gente aqui com o pharol acceso? p'ra quê? p'ra que os navegantes vejam os perigos do mar. Qu'é qu'ocê foi fazer lá em baixo? A pequena sussurrou:

— Fui botar o dia fóra.

— Hein? Como é? Botar o dia fóra?! Que dia?

— O dia d'ali, da folhinha.

— P'ra quê? Ella tartamudeou palavras inintelligiveis. Elle insistiu:

— Como é?

— P'r'o tempo passar mais depressa mod'eu ir lá em terra. O pharoleiro não conteve o riso.

— Bôba! A cabocla resmungava á beira do fogo escaldando, aos sacolejos d'agua, o sacco de café; e o homem, muito meigo, mas dando á voz expressão terrifica, aconselhou:
— Isso não se faz, minha filha. O dia ainda não acabou. A gente só tira o papel da folhinha de manhan, com o sol novo. Ninguem toma a dianteira do tempo, é peccado; Nosso Senhor castiga.

A' ideia de um castigo de Deus a pequena vibrou num estremeção violento e, esgazeada, boquiaberta, num grande medo supersticioso, abraçou-se com o pai afundando o rosto no peito robusto a que se achegara. E chorava, pensando com arrependimento: «Se pudesse apanhar a folha que lançara ás aguas, com o dia ainda vivo... Se pudesse!...»

Recusou a ceia de café e bolacha e, deitando-se, não pôde conciliar o somno, torturada pelo remorso daquelle peccado.

As ondas fragoravam no silencio e o es-

trondo escachoante aterrava-a e commovia-a como se fosse o agoniado gemer do dia a debater-se no mar.

Os pais recolheram-se. A lamparina ficou sobre a mesa vasquejando num tremer de sombras.

Revolvendo-se na cama, insomne, com o coração em estúos, o ouvido attento, escutava estarrecidamente os rumores nocturnos. O crebro bater da porta ás lufadas do vento fazia-a tremer!...

Cobriu a cabeça e, encolhida, com os joelhos no queixo, immovel, poz-se a rezar. Por vezes, num uivo de tortura, o vento enchia a noite de angustia. Mas andaram na sala; o pharoleiro pigarreou, tossiu. Houve um tinir de louça. Abriu-se uma luz mais clara. Então, repellindo a coberta, Sara sentou-se e, em voz surda, estrangulada, chamou o pai. O pharoleiro acudiu, agasalhado em grosso casacão, um gorro de lan enterrado até ás orelhas.

— Uai! ocê tá acordada.

— Que horas são?

— E' quasi meia-noite.

— Ainda não é amanhan?

— Ainda não.

— Está custando tanto!... E se não amanhecer mais, meu pai?

— Como se não amanhecer? Ocê tá sonhando?

— Papai não disse? Por causa do dia que eu botei fóra, ainda vivo?...

— Ora! Accendeu o cachimbo. Dorme, deixa de medo. Fel-a deitar-se, cobriu-a. Nosso Senhor perdôa por esta vez. Mas não faças mais, ouviste? Dorme.

E, tomando a lanterna, foi-se vagarosate para revezar-se com o Bruno, lá em cima.

Sára, dantes irrequieta e afoita, destemerosa nas abaladas pelo ilheu, ás ribas e penhascaes, algares e cafurnas, retrahiu-se em temor desde essa noite. Mal sahia ao remonte fronteiro á casa de onde olhava o mar azul ao sol ou dum verde sujo nos dias brumosos, quando as gaivotas revoavam mais assanhadas, ás voltas nos ares fuscos ou ras-

tejando a espuma. Ali ficava contemplativa, abstrahida em scismas de tristeza.

Emmagrecia a olhos vistos, sacudida por uma tosse rouca que lhe recavava o peito.

A's vezes deitava-se numa molleza flacida, com a cabeça a doer, a boca secca e acre, uma sensação de calor em todo o corpo, como se estivesse ao sol. Chorava sem causa, em crises repentinas, e, com medo de que a vissem, descia ás furnas, enlapava-se e, na solidão sombria, as lagrimas corriam-lhe dos olhos em silencio.

Dezembro estava a findar, radioso e quente. O mar resplandecia d'um azul forte, retinto, broslado de espuma. O ceu, sem uma nuvem — todo elle translucido de fimbria á fimbria, com o sol em disco enorme e coruscante, refulgurava. Madrugadas e crepusculos eram maravilhas de serenidade e côr.

Na tarde de 31, ao fim do jantar, o pharoleiro, que olhava os longes, falou da demora do barco das provisões. E a cabocla, já preoccupada com o facto, resmungou: «Bem se importam elles com a gente. Estão em

terra, têm tudo... Mez de festas, ora! Os mais que se arranjem». Bruno não disse palavra, fumando. No silencio a pequena falou timidamente:

— E a folhinha que está no fim... Já não tem para amanhan.

— E', disse o pharoleiro com indifferença... O anno está acabado, graças a Deus!

— E o outro? perguntou Sára de olhos muito abertos.

— O outro? O outro ha-de vir...

— Se elles chegarem, ajuntou ella com melancolia presaga. A' noite, antes de deitar-se, ainda ouviu a mãi alludir ás festas do Natal em terra, recordar os bailados pastoris, a visitação dos presepes, os ranchos de Reis, toda a suave poesia do mez santo. E ali, ali o mar, o mar deserto, infinito, e o céu mudo. Lá para as tantas estridores despertaram-na — o quarto rugia aos esbarros da porta. Pelas frinchas e abertas entravam livores do relampagos e a casa áquecia em um abafamento asphyxiante.

Sentou-se na cama. Houve um estrépito

de raio e logo, com furioso estardalhaço, a chuva bateu nas telhas em um estrondar de pedradas.

A cabocla saltou da cama espavorida, correu descalça á mesa e, tomando a lamparina, foi collocal-a na commoda, diante da imagem do Senhor dos Passos.

Outro estrepito estalou e toda a casa reluziu ao clarão pallido. Golpes de vento abalavam as vidraças, pannos lufavam nas cordas agitando sombras tragicas e as vagas estrugiam investindo ao ilheu, ouvia-se-lhes o embate violento e, em seguida, no desmanchar das aguas, o ruido fervente das espumas que se esparramavam alagadoramente. Trovões detonavam, ribombavam rolando em repercussão profunda.

Os dois homens lá estavam em cima, no lanternim da torre, illuminando o mar aspero.

E a chuva cahia torrencial, ás rajadas, com a furia de trombas d'agua que rebentassem sobre a casa.

Sára, encolhida, rezava, não por si, mas pelos que vinham da terra, pelos que deviam

vir sobre as vagas, no largo barco das provisões, trazendo os dias do anno novo. E se não viessem, se não chegassem a tempo com a folhinha, como viria o sol? Tremia, batia os dentes e, lá fóra, á borrasca furiosa, o mar esbravejava. E se houvessem naufragado? Que seria do mundo sem sol? «Nosso Senhor nos salve! Nosso Senhor nos salve!»

A cabocla vestiu-se estabanadamente, embiocou-se no chale, foi ao armario e, tomando alguma coisa, caminhou direita á porta com um bater sonoro de tamancos. Teve um momento de hesitação medrosa, mas, resmungando, persignou-se e, decidida, deu volta ao loquete, passou atravez de uma lufada e, mettendo a mão pela abertura por onde o vento esfusiava, fechou a porta.

Sara tiritava, batia os dentes. Sentou-se na cama retranzida, retorcendo as mãos. Tentou levantar-se para seguir a mãi ao pharol, ficar lá em cima, no meio da gente, olhando o mar alumiado, descobrindo, talvez, o barco, mas tremia tanto e a noite estava tão escura!...

Desceu devagarinho. Um trovão explodiu violento, estatelando-a no meio do quarto. «Minha Nossa Senhora!» Correu ao canto onde se achava a folhinha, olhou-a de longe, com medo; adiantou-se, apalpou-a, quiz levantar a folha do ultimo dia que estava collada ao papelão. Insistiu cautelosa, mas não evitou rasgar um pedaço da margem, levantou-a, conseguiu destacal-a e o fundo appareceu, branco e vasio. Era o fim.

E o sangue bateu-lhe no coração oppresso, contrangeu-se-lhe a garganta em um arroxo de estrangulamento. Quiz gritar, correr para a porta, fugir... Foi de encontro á cama, com a cabeça a zoar, os olhos em fogo, flammejando ascuas.

O quarto alumiou-se em um instantaneo fulgor. Um estampido fremiu, outro logo mais forte, como se o ceu houvesse rebentado.

Dirigiu-se á porta, quando um ruido estranho repercutiu lá fóra. Clareou de novo, em luz funebre. Seriam elles? Deviam ser, com o sol. Os relampagos abriam-se tão seguidos como luz tremula que o vento agi-

tasse como fazia á chamma escassa da lamparina. Era o sol que vinha pelas aguas tempestuosas, subindo, descendo nas vagas roleiras.

Envolveu-se no cobertor, correu á porta, deu volta ao loquete. O batente, escancarando-se com o impeto da ventania, levou-a á parede. A lamparina apagou-se.

A chuva grossa escachoava, em bátegas, na sala. A pequena ficou diante da treva recebendo no corpo as rispidas cordas d'agua e novo clarão, afuzilando o negrume, offuscou-a.

De impeto, como se a impellissem, lançou-se de ilheu afóra, atravez da tormenta.

Ao deflagrar dos relampagos o massiço emergia tragico, reluzindo, como uma vaga immensa toda envolta em espuma.

Sara não sentia a chuva — ia em frente, direita á riba de onde lançara o dia ao mar.

Escorregava em resvaladios, tropeçava em cristas, mettia os pés em cascabulhagem e, encharcada, com a roupa apegada ao corpo, corria.

O oceano estrondava e quando, aos lividos clarões, as aguas reluziam negras, viam-se-lhes alámbores de escarceus, altos, soberbos vagalhões emplumados de espuma e longe, no brilho sinistro, o marouço encapellava-se conflagrado, arremettendo ao ilheu precipitoso, desordenado, sotopondo-se uns a outros, cavalgando-se e rebentavam na costa saxea tonitruosamente.

Sara estacou num alto, chorando. O ceu abria-se de instante a instante em fulvas cicatrizes e tudo em torno, nuvens e vagalhões, flammejava em livor. Trovões estalavam com estrondo de catastrophe, fitas de fogo serpeavam. Era o fim do mundo! «Virgem Mai do ceu!»

E o sol? que seria feito delle? Pobre gente que o trouxera! E o ilheu? lá andava tambem em pedaços no mar. Eram as espumas encapelladas que lhe pareciam crostas da ilha, boiando aos rebolões na borrasca. Não esperou mais. Na ancia desvairada de vêr lançou-se, em delirio, pelas lombadas do escolho.

Subia ás rampas, descia aos vallados. Súbito, num relumbrar mais largo, teve um grito de triumpho. Lá vinha o barco! Lá vinha, com o sol. Vira-o bem, num flagrante. Lá vinha! Eram os homens que traziam o livro do Anno Novo, as folhas de luz, as folhas de sol.

Escorregou pela encosta da escarpa, cahiu num vão, entre penhas, onde o mar raivava engasgado. Afundou nagua de chôfre e, antes que se pudesse agarrar a alguma aresta, a vaga, que subia, recuando em resorvo, arrastou-a.

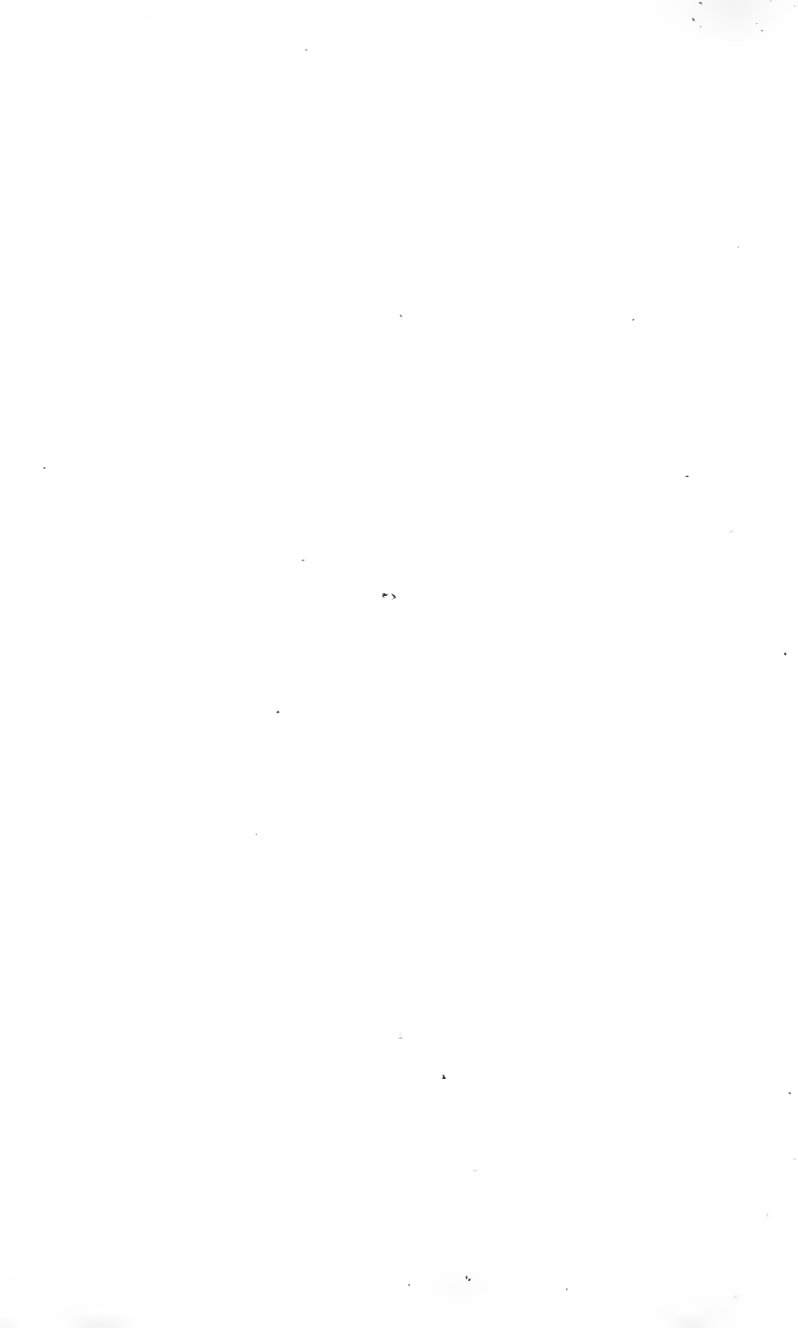
Debatendo-se na profundeza, entalada entre bórdas penhascosas, escabujava, sentindo correr sobre ella o mar furioso. Ergueu-se tonta, desatinada, afflicta, arrevessando golfões d'agua, com os cabellos empastados no rosto.

Aterrada, em agonia, agarrou-se á pedra — outra vaga arrancou-a, embrulhou-a, levou-a aos rebolcos e encontrões pelas bordas do rochedo, atirou-a á penha, trouxe-a de reboleio e deixou-a varada numa chanfradura.

Ainda um clarão, ainda um ribombo. Ia gritar, mas outra vaga passou, tomou-a, levou-a acima, repuxou-a de rasto e assim, durante a noite, o corpo andou naquella redouça d'agua, acima e abaixo, no vallo, ao rythmo dos vagalhões.

Pela madrugada abonançou, o vento cahiu, o mar, ainda crespo e lúrido, arrufado de espumas, rolava grosso. As nuvens corriam ao vento, o ceu foi limpando-se em rasgões de azul e um sol triste appareceu, brilhou um instante, sumiu; reappareceu, ainda o cobriram nimbus até que surgiu livre em campo azul vívido, resplandecente, espalhando no ar e nas aguas e pelo costão do ilheu a claridade e o calor do novo dia.

Tres vultos iam e vinham por alcantis e algares bradando desesperadamente. As gaivotas celebravam em vôos barulhentos a volta do bom tempo. O mar ia ficando azul, e no fundo do vallo ia e vinha na mareta o corpo da pequenina que não vira o sol novo e a terra verde além do mar, além do ceu, além!

TRAIÇÃO

Em Janeiro, á noite, plena estação das aguas, num lanço de terras altas á beira do Amazonas.

Luar. O rio tumido, espraiado, rolava vagaroso, coalhado de scintillações. As barrancas, escavadas em sulcos e taliscas, pareciam de pedra e as arvores, cuja ramagem pendida rastejava nos remansos, fulguravam como enfolhadas de prata.

Suave respiro movia as frondes altas. Por vezes a agua estalava batida de chapa pelo salto de um peixe; galhos, oscillando em languidos meneios, ringiam, crepitavam ou era o trisso rispido, silvante dos morcegos que esvoaçavam estonteados.

Na margem opposta, entre arvores densas, uma luz livida fitava; de longe em longe sumia como a um bater de palpebra, para, de novo, rebrilhar immovel. Subito extinguiu-se.

Marcos, que tocaiava, collado a um tronco, avançou de rasto, mansinho, parando a alguns passos da vereda que levava ao rancho. «E' agora! murmurou. Apagou a luz é porque vem.»

Arfava em ancia de fadiga. Corriam-lhe crispações pelo corpo, eriçavam-se-lhe os cabellos, a espaços arrepiava-se sentindo como um lento, macio repasse de pluma ao longo da espinha; na garganta, aspera e secca, o halito rascava; os olhos eram brazas. Os braços rijos, retesos, as mãos espalmadas na terra amparavam o corpo inclinado, mas como, pela attitude forçada, os joelhos se lhe fossem curvando tremulos, frouxos, firmou-os no solo ficando de quatro, agachado como uma onça á espreita. Attento, sem perder ruido, a vista duramente fincada no rio, ouviu um leve chapinhar de pá cavando as aguas

e logo, negrejando na esteira lucilante do luar, destacou-se, em relevo de esmalte, a sombra ligeira de uma montaria. «Era elle, Lucio. Lá vinha o famanaz. Canáia! Não lhe haviam mentido no Barracão.»

E rilhava os dentes raspando o chão com as unhas.

A montaria proejou á terra deslisando por entre as canaranas que arfavam e o homem saltou galgando lésto a barranca. Amarrou o barco a uma raiz, e iscando lume, accendeu o cigarro mettendo-se á vereda com segurança de dono.

Era um latagão airoso, de bom porte, robustamente entroncado. O chapeu de oricury, descahido sobre a nuca, deixava-lhe a fronte núa. Tinha um quê de insolencia no requebro do andar moroso, em passo aberto e arrastado.

Violeiro e cantador de fama, era um perigo quando pegava o desafio, sempre aggressivo nas tiradas, chasqueando, pondo em resalto os ridiculos dos companheiros. Mais duma festa findara, com espavorido tumulto,

ás arrancadas do mulato. Homem devéras e petulante!

Marcos viu-o passar, desapparecer no matto. Cravou nelle os olhos incendidos, mas não se tirou da posição em que jazia como paralysado. Pancadas retroaram no rancho e, logo em seguida, a voz de Lucio: «Eh! faceira? Que é isso? dormindo sem seu mulato?» Um cão ladrou. «Maroto!...»

Marcos cerrou os punhos, estàlaram-lhe os dentes e, retorcendo-se num furor convulso, com constricções na voz angustiada, resmungou improperios. Esteve um momento immovel, inerte, como deslembrado de tudo. Por fim, cruzando os braços, balançando a cabeça emmaranhada:

«E' verdade! E é assim que um homem se desgraça. Uma porcaria de muiê apanhada na miseria, que elle limpara, acolhera, fartara, assim lhe pagava o beneficio.» Cuspiu por entre dentes, com asco: «Eta, biraia!»

Enveredou pelo matto sem sentir os carapanans que zumbiam. Sapos coaxavam em

gargarejo ou tinindo metalicamente; outros, em tom cavo, a espaços, pareciam soluçar, e longe, de vôo, a *mãi da lúa* agourentava o silencio.

As hervas vivas pareciam ter garras: prendiam-no, detinham-no com as suas viges eriçadas de espinhos. Folhas largas batiam-lhe no rosto, cordas de cipós enleavam-no. Elle seguia de vagar, pensativo, a vêr a traição infame. «Ah! muié... muié... bicho ruim!»

Mas o corpo da cafusa, rijo, azeitonado, cheirando a silvas, os seus olhos negros, quebrados de volupia, os cabellos crespos sempre com uma flor a ornal-os, o collo redondo, referto, bicando a camisa de crivo, tão cheia de dengues, retrahindo-se, toda encolhida, á menção de um carinho, a cabeça tombada, mordicando, com os dentinhos brancos, a polpa carnal do beiço rubro...

«Ah! muié... Bem que lhe haviam dito. A mentira pegara e, como o julgavam em Gurupá, com os syrios, lá estavam, os cães. O outro, aproveitando-se da valentia, vivia

naquella vida de desencaminhar raparigas. Mas tanto havia de fazer que, um dia... só se não havia Deus.»

Ia indo. Deteve-se entre uns assahys, pensando e, tão distrahido, que, tirando o isqueiro, petiscou e accendeu o tauary.

Estava em frente do rancho. A claridade interior transluzia pelas frestas. No tecto palhiço ia e vinha uma sombra, mucúra de certo. Mas a curiosidade picou-o e, ainda que o coração lhe batesse aos arrancos, inchando, subindo como se lhe fosse saltar pela boca, arriscou-se ao terreiro que resplandecia ao luar, branco como um canto de praia.

Chegou á porta e, agachando-se, ouviu vozes, percebeu o palavriado molle da cafusa, os seus resmungos voluptuosos e as meiguices devassas do mulato. Desvairou-se e ancioso, sofrego buscava frestas, ora empinando-se nas pontas dos pés, ora agachando-se, com o rosto de encontro ás paredes asperas, num furor em que havia estuos de sensualidade.

Chegou a vêr os vultos e ouviu o seu nome e, a envolvel-o, uma gargalhada de zombaria.

Proseguiu arrastando-se ao longo dos muros, circulando o rancho, em busca de uma aberta por onde pudesse vêr tudo, toda a infamia.

De repente, porém, com um farfalho de folhas, num recuanso, o cão, que dormia enrodilhado, abalou de fugida latindo desabridamente. Elle chamou-o baixinho, avançando: «Maroto! Maroto!» O animal acirravase, investia aos saltos, negaceando de longe. Quiz fugir, o cão tomou-lhe o passo. «Maroto! Diabo de cachorro!» murmurou.

No mesmo instante a janella escancarou-se e o busto do mulato appareceu:

— Quem tá hi? Uai! Descobrira o caboclo no terreiro, hirto, tremendo ao luar. Recuou um momento logo, porém, esticando o braço, intimou: Eh! camarada, se vem de recado vá dizendo que a resposta tá qui. E apontava a garrucha.

O caboclo rolou como fulminado, as mãos

na cabeça e, num bôlo, retransido, bradou em frenesi covarde:

— Não me mate, não... Por Nossa Senhora!

— E' elle! sussurrou a cafusa. Lucio teve uma exclamação de surpresa, e perguntou:

— E' océ, Marco?

— Pois antão... Como é que se vai atirando assim? Sentou-se tolhido, a respirar afflicto, as mãos ao peito contendo o coração que o suffocava. O cão, reconhecendo-o, rodeava-o de rastos, saltava, acenando com a cauda, a rosnar ganidos. A porta abriu-se. Lucio sahiu ao terreiro acompanhado da cafusa que cobrira o collo com uma toalha. Acercaram-se do caboclo que jazia prostrado, levantaram-no e os tres, esquecidos da traição, formaram um grupo em torno do qual o cão rabeava trefego.

— Mas ocê, Marco... Ocê escapou de bôa.

— Foi Nossa Senhora, sussurrou a cafusa.

— Nossa Senhora... é... Houve um silencio vexado. A' voz languida, arrastada e ma-

cia da traidora uma idéa sinistra lampejou no espirito do caboclo. Lucio amparava-o, mentindo-lhe:

— Eu vim aqui môd'ella qui mi chamou numa gritaria di fazê mêdo. A cafusa fez-se assustada confirmando as palavras do amante:

— Eu sempre disse que este lugar era mal assombrado. Foi Deus que fez seu Lucio ouví os meus grito, senão... nem sei mêmo. Uma creatura sósinha neste desampáro.

Marcos gemia, curvando-se, a repassar a mão no ventre concavo. O mulato, abatido pela surpreza, coçava a cabeça, d'olhos no chão. Marcos aconselhou surdamente.

— Guarda essa arma...

— Que arma? Uai! Ocê inda tá com mêdo? E, rindo, espalmou as mãos. Tá lá dentro. Mas por pouco, heim? Ocê nasceu hoje. A cafusa, embaraçada, para fugir á situação, lembrou um café e logo desappareceu no rancho. Marcos seguiu-a com um olhar accesso e, gemendo, encostou-se ao tronco de uma seringueira, accusando dores agudas em uma perna; torcia-se, estirava os braços,

rangia os dentes, offegando. O mulato perguntou:

— Que é?

— Geito. Foi geito que eu dei no cahir. Sacudia os braços estalando os dedos frouxos.

— Espera... E o mulato poz um joelho em terra e, tomando a perna do caboclo, estirou-a a bom pulso. Nesse instante os olhos de Marcos fuzilaram, um rictus contrahiu-lhe o rosto macilento. Levou a mão á cinta, sacou a faca, apertou-a rijamente e, num violento arremesso, que o levou sobre o mulato, embebeu-lh'a toda nas costas, com um rugido selvagem.

— Desgraçado! arquejou o violeiro rolando em terra sobre gorgolões de sangue.

O outro, vendo-o debater-se, volteou-o e, rapido, num salto de féra, rasgou-lhe o ventre. Ainda o mulato soergueu-se de borco apresentando o dorso á arma que o varou uma, duas vezes até que o corpo abateu flaccido, estremeceu e ficou retorcido sobre a sangueira que negrejava.

Marcos sorria contemplando a sua victima, o famanaz temido.

— Tá hi! disse por fim; e respirou largamente. Então, virando o cadaver, expoz-lhe o rosto desfigurado ao luar. Os olhos muito abertos e baços tinham uma expressão de espanto, a boca estava cheia de terra. Tá hi! Erguendo-se, então, chamou aforçurado:

— Lina! Vem cá. Vem depressa! Corre! E ria. Ouvindo os passos precipitados da rapariga insistiu: Corre! A cafusa appareceu á porta, com a camisa a escorrer-lhe dos hombros lisos, os peitos firmes, em riste. Corre. Olha! E mostrou-lhe o cadaver.

A rapariga estacou num atordoamento, a tremer. De repente, relanceando um olhar de pavor, fez menção de fugir para a banda do rio. O caboclo agarrou-a por um braço e sentiu-a cahir de joelhos, esforçando-se por juntar as mãos, chorosa, meiga, implorando d'olhos enternecidos:

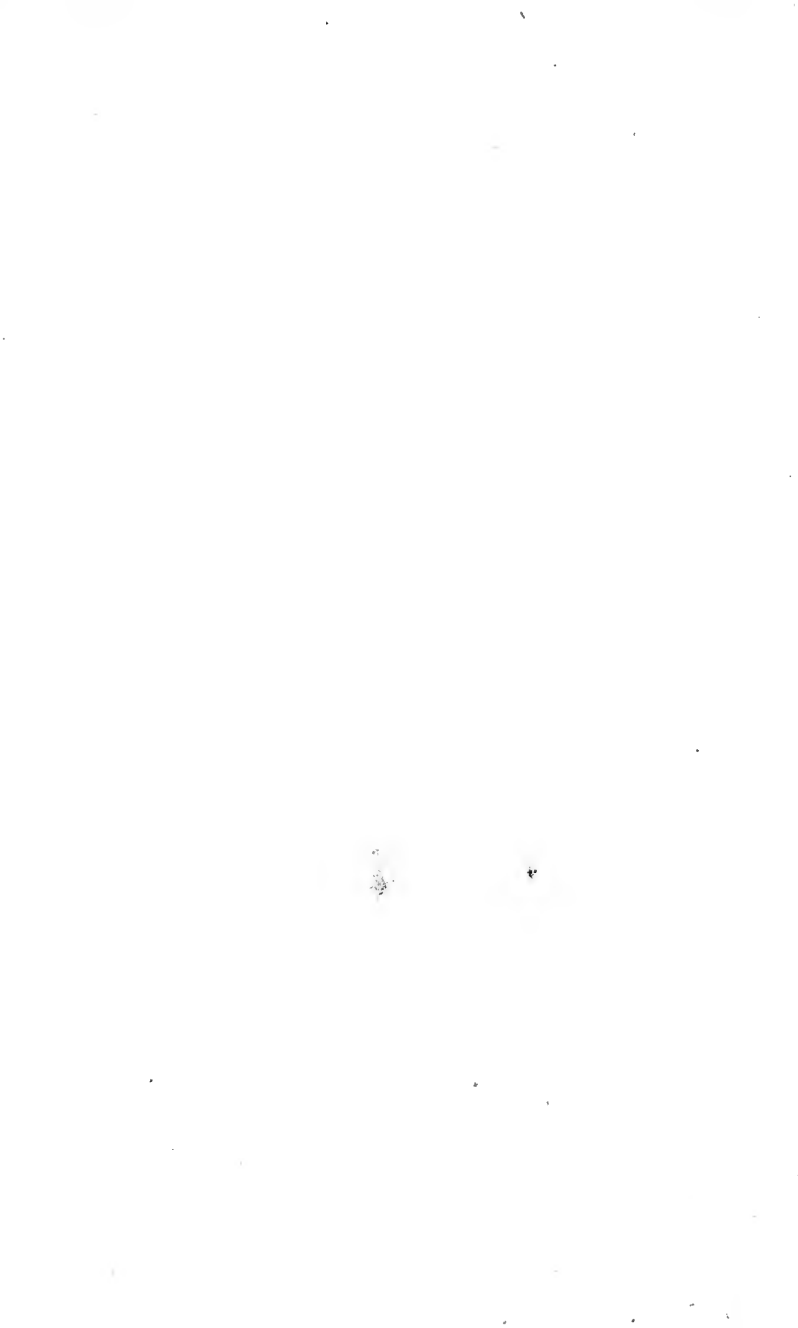
— Não! Não, meu bem. Não mata a sua cafusa, não!

— Biraia! resmungou com despreso. Tá

hi... Então ocê pensava que era só affrontá um home? Eu sabia de tudo e arranjei essa historia de Gurupá mode apanhá a vergonha. Tá hi.

A mulher tremia, d'olhos esbogalhados, a boca entreaberta mostrando dentes brancos e balbuciava inintelligiveis rogos. Um almiscar estonteante, lascivo, expandia-se-lhe do corpo suado.

O caboclo levantou-á de impeto e, enfiando a faca na bainha, ficou um instante a fitar a amasia. Arrancou-a a si com brutalidade, passou-lhe um braço á volta do pescoço, com o outro cingiu-lhe a cinta attrahindo-a, esmagando-lhe o collo de encontro ao peito ripado e, com a boca a queimar-lhe o rosto, disse em arrancadas: Era assim, heim? Pois agora... Riu estranhamente, forcejando com a mulher. Um instante ella defendeu-se, com medo, mas, comprehendendo a intenção do homem, deixou-se vencer, cahiu sobre o cadaver, ergueu-se, tombou adiante e o caboclo beijava-a com frenesi, rosnando como um animal em repasto.

E o cão, que se deitara á distancia, a cabeça entre as patas, olhava fito e, aos escabujamentos dos corpos, acenava com a cauda festivamente, ganindo.

CASADINHA

Quando Benjamin desappareceu na volta do caminho que, áquella hora apagada da tarde, entristecia com o gemer das rolas, Lina, que o acompanhára até a gameleira grande e ali, sob a fronde vasta, onde já parecia noite, apertando-o nos braços, molhando-lhe o rosto de lagrimas, lembrara-lhe, com soluços, a sua promessa de honra, deixou-se cahir á beira da barranca e os olhos se lhe enxugaram fitos na terra, como se acompanhassem o desfilar afanoso das formigas que carreavam achegas para as luras.

Acima do monte o céu era um tapiz esbraseado com o rastro do sol que ficara nas

nuvens. Um bando de jandaias passava em direcção á montanha, descrevendo curvas ondulantes, fechando-se em circulo como um halo ou seguindo em linha direita, logo partida, com o dispersar das aves, que, mais adiante, tornavam-se a ajuntar e seguiam compondo arabescos no espaço. Lina não levantava os olhos. Por vezes, além da cerca de espinhos, crescia um mugido rouco. Cigarras cantavam vesperas e já os bacuráos, em vôos molles, sahiam dos mattos passeiando na areia branca.

As cabanas ennegreciam, apparecendo como enormes cubos de cinza entre as arvores escuras.

Soaram as Ave Marias.

Lina arrancou um suspiro, meneando com a cabeça; passou a manga do casaco pelos olhos e, tomando um graveto, poz-se a riscar a terra. De novo as lagrimas subiram-lhe do coração dolorido e começaram a pingar em gotteiras no pó fino da estrada, justamente na trilha das formigas. Algumas paravam, desviavam-se da amargura; houve

uma, porém, que não fugiu a tempo e foi apanhada por uma baga de pranto. Em ancias de morte poz-se o insecto a debater-se, subiu á tona afflicto, mas a terra ávida sorveu a lagrima e a formiga, achando-se em secco, esticou as pernas, limpou-se e fugiu ligeira como se escapasse de uma borrasca; e, topando com as companheiras, detinha-se um momento como se lhes referisse o desastre em que estivera prestes a perecer.

Lina parecia entretida com a scena das formigas, mas o seu espirito estava tão longe! iam tão longe os seus pensamentos...! Benjamin... lá partira! fôra-se! Aquella hora, em tão fogoso cavallo como o *Pachola*, já devia ir beirando a lagoa; com mais um pouco, antes do nascer da lua, estaria no Pouso de Santo André e, de manhan, a barca da carreira o levaria á cidade, áquella cidade maldita que parecia ter encanto porque raro era o moço que de lá voltava; e se algum, por necessidade, regressava á villa, ficava macambusio, não achando prazer em nada, como o Romão, da olaria, que mais parecia

uma alma penada do que gente. E ella! Ai! d'ella... tinha toda a sua sorte ligada ao Benjamin. Se elle não voltasse?! Mas, não! havia de voltar — tinha a mãi, tinha as irmans e ella que era mais que noiva, elle bem sabia.

Era uma morena airosa, cinta delgada, hombros largos, rosto redondo, cabellos fartos e corridos, olhos negros e grandes, de uma doçura que fazia pena, tão tristes pareciam. A boca, pequenina e carnuda, tinha uma riqueza nos dentes alvos e as faces, côr de jambo, eram tão coradas que as companheiras diziam — que ella parecia andar sempre com vergonha. O andar era um meneio em que todo o corpo se comprommettia — eram as cadeiras jogando docemente, eram os braços em balanço, era o collo, papo de rola, subindo e baixando com o respirar macio, como cançado. E que voz! Dezoito annos viçosos, os mais viçosos do sertão! Benjamin sabia quão doces eram os beijos daquella boca, como eram macios aquelles braços, mimoso e languido o seu sorriso, dengosas as

suas palavras sempre quebradas em queixas, como nascidas em pranto. Amaram-se.

Desde o primeiro encontro, na festa do mez de Maria, nunca mais, para Benjamin, houve outra mulher e Lina esqueceu os seus muitos adoradores que eram, a bem dizer, todos os rapazes da villa, não contando muitos moços que por ali passavam, um d'elles até estabelecido na Barra d'Alva, que chegara a tocar em casamento.

Só depois da noite de amor foi que Benjamin expoz-lhe a sua idéa de ir á cidade procurar emprego.

A vida ali era difficil: a roça não dava e a sua gente, por mais que se matasse, mal fazia para comer. Que eram rêdes e crivos? Quem comprava cuias, por mais bem pintadas que fossem? As pobres mulheres não tinham um minuto de descanço e era sempre a mesma miseria. E ainda era preciso que uma d'ellas fôsse esperar o regatão que era o comprador de tudo... e por quanto?! Assim não! Ia á cidade aventurar, tinha lá o padrinho que podia empregal-o e, logo que se

collocasse, viria buscal-a, e juntos, casados, viveriam felizes.

Se elle lhe houvesse falado assim antes daquella noite, por certo que não teria acontecido o que acontecera. Mas o mal estava feito.

Verdade é que Benjamin era rapaz sério, havia de cumprir a promessa.

Escurecia. Já os vagalumes iam e vinham; as estrellas, lá em cima, abriam os olhos luminosos e a lua começava a estender na terra a sua roupa branca.

Pobre lua ! tanto linho, tanta renda ! Desde quando ella estendia a sua cambraia nos montes e nas campinas, clareava-a nos rios e perfumava-a em flores ! Desde quando ! ? É para que o noivo saiba que está prompto todo o lindo enxoval por ella mesma fiado e bordado, e o noivo sempre a fugir... Pobre lua !

Ella tambem tinha toda a sua roupa branca na arca, entre favas de cumarú. De vez em quando tirava-a, estendia-a ao sol, nos ramos, para que não ganhasse mofo, e ficava a olhar, pensando no seu noivado.

E Benjamin partira.

— Emfim... Deus é grande! suspirou a morena entrando na palhoça.

A velha fazia serão á luz da candeia e na rêde o curumin cantarolava, balançando-se á luz da lua que entrava pela porta, aberta sobre o silencio e a solidão dos campos adormecidos.

*

Tres mezes! Todas as semanas, uma vez por outra, lá ia a morena vêr a gente de Benjamin, pedir noticias, contar saudades. A velha e as duas mocinhas trabalhavam. E eram sempre as mesmas palavras tristes:

— Benjamin... Benjamin apanhou-se na cidade e nem se lembra da gente.

Ficavam as quatro em silencio: a velha e as moças fazendo crivo. Lina de olhos molhados, arfando, cheia de angustia. Fóra, ao sol escaldante, no sujo terreiro, gallinhas

cacarejavam espalhando cisco. Sentia-se o cheiro avinhado da moenda e os besouros entravam, corriam os cantos da casa, esbarrando, zumbindo; por fim partiam de lanço desapparecendo nos ares quentes.

— E onde está elle?

— Eu sei! suspirava a velha. Aquillo é tão grande! Cidade... han! Vão lá achá um home num mundo daquelles. Fio home é sempre assim: má se apanha criado, faz qui nem passarinho. Deus o ajude. Óie, praga é que eu não rógo, isso não. Si elle se alembrá de nós, mió; si não se alembrá, seja feliz. Terra p'ra sipultura é que não farta. E, inclinando-se sobre a almofada, continuava a trabalhar. Lina ainda ficava olhando, com o coração apertado, as lagrimas crescendo-lhe nos olhos. Por fim despedia-se.

Prolongava, em passos lentos, a volta á casa, mettendo-se ás veredas mais desertas, a evitar a gente da villa que começava a murmurar chasqueando da sua magreza.

Falando só, parava á sombra das arvores, esmagando folhas entre os dedos, mirava-

se nos corregos apalpando o rosto, passando a mão pelo ventre, sentindo-o crescer.

Os indicios da maternidade tornavam-se, dia a dia, mais evidentes. Não havia duvida: estava gravida. E que seria della? Como prevenir Benjamin? dizer-lhe a sua desgraça, a sua vergonha? Em casa refugia á mãi e ao irmão e, se succedia encontrarem-se frente a frente, sempre achava meios de voltar-se para esconder a barriga.

A' noite, na rêde, ficava d'olhos abertos, pensando no seu destino. A's vezes, no silencio, saltava ao chão e, pé ante pé, ia para os fundos da casa, abria a porta, sentava-se na soleira em face da noite e chorava, lamentando a sua desventura.

Se alguem por ali passasse ouviria as suas palavras tristes. A infeliz falava como se conversasse com o noivo ingrato. Dizia-lhe o seu estado, lembrava-lhe a sua promessa, perguntava-lhe se não tinha pena do pequenino que ia nascer? Que seria d'elle, sem pai? E ella, como andaria na villa, expondo a todos a sua deshonra? Ai! d'ella...

Ao clarear d'alva recolhia-se devagarinho, mettia-se na rede para levantar-se pouco depois e começar o serviço. Assim, enfraquecendo-se em vigilias, sem comer e sempre com aquelles pensamentos, emmagrecia... e o ventre resaltava ainda mais.

O rosto redondo, de pelle macia e corada, ia-se tornando anguloso, os olhos, entre circulos denegridos, já não tinham a ternura antiga e a graça airosa do andar perdera-se no lento e pesado passo em que se arrastava. E de Benjamin? nem noticia.

Outro mez passou, ainda outro. Uma manhan, atravessando a praça da igreja, pareceu-lhe ouvir o seu nome entre risos de mofa, depois uma gargalhada. Voltou-se — era, á porta de um negocio, um grupo de mulheres, entre as quaes a Quinóta, que se perdera com um soldado e andava á gandaia, ora com um, ora com outro, esmolambada, descalça e suja, ás vezes bebeda, cahindo pelos mattos onde, não raro, era encontrada dormindo, descomposta.

Quinóta chamou-a e, por entre a rincha-

velhada escarninha, alludiu, com palavras torpes e gestos desabridos, á sua miseria.

Lina sentiu todo o sangue subir-lhe ao rosto. Quiz correr, as pernas vergaram-se-lhe, o coração batia como a rebentar; uma nuvem escureceu-lhe a vista.

A vagabunda, que cambaleava, indo, em esbarrões, ás paredes, ria escancellando a boca desdentada; as companheiras puxaram-na, levaram-na, á força, para o interior do negocio.

A morena, atordoada, com uma zoeira nos ouvidos, enfiou por um becco, entre palhoças, deu volta pelos fundos da egreja e, quasi a correr, offegante, entrou em casa de Benjamin. As mulheres lá estavam trabalhando.

— Ainda nada?

— Nada! Benjamin tava perdido. Ella que tirasse o sentido d'elle. Si elle não achava uma penna mód'escrevê p'r'os seu quanto mais p'r'os outro.

— Mas Benjamin me deve um reparo.

— Reparo? Reparo de que?

— Prometteu casar commigo.

— Pois sim! Promessa de casamento é como jura em bocca de criança — tão bem se faz como se esquece.

— Mas elle não póde esquecer...

— Uai! Ocê cunfia demais em Benjamin!

— De certo. Quando um homem faz mal a uma moça a sua obrigação é casar com ella.

— Má! Benjamin fez má a ocê?

— Olhe aqui. Então, apartando os braços, descruzando o chale, mostrou o ventre impado. As tres mulheres olharam um momento, sérias; de repente, porém, uma das moças derreou-se sobre a almofada, a rir, o riso tomou a irman; mas a velha, pondo-se de pé, fitando os olhos duros na morena, cresceu para ella raivosa:

— Tá hi! Tá hi! E' mod'isso que Benjamin não escreve. Eu logo vi! São essas vagabundas que estragam os fio da gente. Foi mod'ocê mêmo, sua offerecida, que elle foi-se embora d'aqui. Que é que eu tenho qu'ocô teja assim?

— Tão vendo só...! ? resmungou uma das moças e a outra, amuada, accrescentou:

— Quem sabe !...

— Pois entonces não querem vê ! ?

Lina, immovel, empallidecia remordendo os labios, com os olhos muito seccos, faiscando. Fez um gesto, traçou o chale e balbuciou: «Pois sim... Deus é grande !» A velha fez um gesto de repulsa e nojo:

— Ah ! vai-te embora. E riu escarninha. E as duas moças riram com ella.

Lina sahiu cambaleando. Desnorteada, foi até á cerca, voltou, esteve um tempo parada, olhando o céu; por fim, numa decisão, metteu-se pelo caminho estreito em passo de fuga, falando, gesticulando, sem sentir o chale que lhe escorrera d'um hombro e ia, de rastos pelo chão, varrendo as folhas.

*

Era o tempo das flores e as abelhas chegavam em enxames, attrahidas pelo perfume.

Os laranjaes rescendiam, as copas das arvores pintalgavam-se, nas aguas branqueavam os lirios. Sahiam ninhadas d'aves e, pelos ramos, á beira do corrego, nas moutas, era um ensaio continuo de cantos: pios, pipillos, gorgeios e, desde a madrugada até o cahir da noite, não cessava a alegria, modulada em varios tons a que se juntavam o secco chiar das cigarras e o rispido estrillar dos gafanhotos.

Os campos, ao amanhecer, scintillavam de orvalho; era uma delicia seguir por elles fóra sentindo a frescura e o aroma, vendo as pombas ruflarem as azas e as jassanans fugirem em direcção ás aguas.

Foi nesse tempo risonho, ao luar de uma noite, que a velha cabocla, mãi da morena, chegando á casa esbaforida, chamou a filha e, sem lhe dar tempo, logo que a viu, foi-lhe arrebatando o chale e, cravando os olhos no ventre alto, meneou com a cabeça, desgrenhando as falripas ás unhadas:

— Ah! praga...! Onde ocê se metteu, seu diabo!? E m'escondendo, rabúda!... Enton-

ce ocê, em vez de cuidá do qui fazê, andava por ahi buscando home?... Um porcaria como Benjamin. Oia só isso... E já p'ra cada hora. Poz-se a esmurrar o rosto, o peito, o ventre tumido da filha. E ocê pensa que eu hei de criá fio do mundo? Acha pouco o qu'ocê come? Já! E, curvando-se, fincou o braço magro mostrando a porta. Já! nem um minuto mais no que é meu! Já! E não me appareça aqui qu'eu sou capaz de te acabá... Rua! Falava por entre os dentes cerrados e as palavras pareciam rangidos. Sem vergonha! E tão sonsa aqui dentro... Rua! O curumin olhava estarrecido, encantoado junto á arca e Lina, com as faces em fogo, os olhos seccos, sem uma palavra, traçou o chale e foi sahindo.

A estrada parecia de neve. Ao estridor metallico dos sapos respondiam os bacuraus saltando ao clarão da lua.

A velha acompanhou a filha, empurrou-a, bateu com a porta e já de dentro ainda bradou: Rua! A morena hesitou um momento, logo, porém decidiu-se seguindo o mesmo

caminho por onde fôra com Benjamin naquela tarde melancolica do adeus.

Chegando á gamelleira grande metteu-se sob a treva dos ramos e ali ficou immovel.

Crescia o concerto nocturno: eram os grillos, eram os morcegos esvoaçando e, mais longe, de espaço a espaço, o agouro triste dos caborés. O cheiro das flores passava na viração e o luar, cada vez mais claro, estendendo-se largamente por toda a paizagem quiéta. A morena sahiu da sombra e, cantarolando, foi-se, perdeu-se entre os mattos floridos.

Na manhan seguinte, cedo, antes da missa, Lina appareceu na villa e foi um acontecimento a sua chegada.

Viera do lado do rio, coberta de flores. O chale, posto sobre os cabellos, cahia-lhe em dobras pelos hombros como um manto de santa, uma corôa de açucenas cercava-lhe a fronte, do collo pendia um ramo, outro entre as mãos, seccava, e, por todo o corpo, presas nas rendas, sahindo dos rasgões do

vestido, eram flores, de laranjeira na maioria.

Ajuntaram-se os da villa e, como a reconhecessem, foi um pagode ruidoso. Gente apparecia ás janellas, chegava ás portas, os tropeiros paravam as récuas e todos riam da rapariga que caminhava, impassivel, em direcção á igreja, ainda fechada. Parou á porta, junto ao cruzeiro, as mãos enclavinhadas sobre o ventre enorme. Um povareu seguia-a. Então uma voz troçou-a:

— Ocê vai casá? A morena voltou-se risonha e, como affirmasse, sacudindo a cabeça, foi uma chuva de flores. A gargalhada estrondou.

— Tá fresca...

— E o home? Onde tá o marido? O sino começou a dobrar á missa. Abriu-se a porta da igreja, a multidão avançou seguindo a rapariga. O sacristão, um velho muito azêdo, vendo-a sob aquelles enfeites, e ouvindo a assuada do povo, tomou-lhe o passo:

— Onde é que você vem? Você tá louca, muié? Mas a morena, negaceando com o

corpo, passou airosa e, com ella, a turba penetrou na igreja. Foi, então, que uma mulher murmurou com pena:

— Gentes, ocês não tá vendo qu'isso é loucura?... Lina, uma rapariga de tanto proposito... Não caçôa, não. Deus castiga.

— E' mêmo, concordaram. E o riso cessou, todos ficaram immoveis, contemplando a morena, que se postára junto ao altar-mór, quieta, de olhos baixos, como uma noiva modesta. Foi o vigario quem a tirou dali, despedindo o povo:

— Que é? Então vocês não têm dó de uma pobre de Christo? Isto é coisa de que se ria? Vão-se embora. O povo sahiu em silencio, commentando o caso, uns com pena, outros em tom de mofa.

O vigario, depois da missa, acompanhou a morena á casa, mas foi um trabalho para convencer a velha a aceitar a filha que enlouquecêra.

— Então você não tem coração, criatura? Quer que sua filha ande por ahi como um animal sem dono? Peccou, não digo o con-

trario, mas para castigo basta a infelicidade de haver perdido a razão. Tenha misericordia.

— E o fio, seu vigario?

— Deixe vir, ha de criar-se com a graça de Deus.

— Oie, ella fica por causa de vosmecê, por mim ella podia morrê. Tanto casamento bom e o diabo vai cahi na mão dum porcaria como aquelle...

— Deixe lá! Deixe lá... E' sua filha. E olhe: mais perdoou Nosso Senhor...

A morena ficou, mas todas as noites, com estrellas ou chuvaradas, era a mesma penitencia de noivado. Lá ia, estrada fóra, coberta de flores e, sob a gamelleira grande, abrigava-se até o romper do dia, quando os sanhassos começavam o canto.

E ficou-lhe a alcunha de «Casadinha».

Uma manhan um recoveiro deu por ella, debaixo da arvore nupcial, estendida entre flores, morta. Quando a apalpava sentiu alguma coisa, molle, sob os vestidos humidos. Puxou o corpo da finada, arrastou-o e na

terra, sobre as folhas e as flores murchas, rolou uma criança roxa, quasi negra e toda encolhida, como de frio; as mãos na boca, como faminta; os olhos fechados, como a dormir, gelada.

INDICE

COLECÇÃO LUSITANIA

Cada volume, elegantemente enc. em percalina, $50 ctvs.

Volumes publicados até Janeiro de 1919:

1 — *Amor de Salvação*, por C. C. Branco.
2 — *Riquezas do pobre*, por C. C. Branco.
3 — *Eusebio Macário*, por C. C. Branco.
4 — *Corja*, por C. C. Branco.
5 — *Cartas de Amor*, por Sóror Mariana.
6 e 7 — *Nossa Senhora de Paris*, por V. Hugo.
8 — *Amores do Diabo*, por C. C. Branco.
9 — *Frei Luís de Sousa*, por A. Garrett.
10 — *José Bálsamo* e *Mata-a, ou ela te matará*, por C. C. Branco.
11 e 12 — *Madame Bovary*, por Flaubert.
13 — *Menina e Môça*, por Bernardim Ribeiro.
14 — *Brasileira de Prasins*, por C. C. Branco.
15 — *Camões*, por A. Garrett.
16 — *Romance dum homem rico*, por C. C. Branco.
17 — *Cartas do meu moinho*, por A. Daudet.
18 — *Freira no subterrâneo*, por C. C. Branco.
19 — *Viagens na minha terra*, por A. Garrett.
20 — *Carrasco de Vitor Hugo José Alves*, por C. C. Branco.
21 — *Rafael*, por Lamartine.
22 — *Arco de Sant'Ana*, por A. Garrett.
23 — *Mosáico e Silva*, por C. C. Branco
24 e 25 — *Noventa e três*, por V. Hugo.
26 — *A Religiosa*, por Diderot.
27 — *Livro de Consolação*, por C. C. Branco.
28 — *Atala, René*, o *Ultimo Abencerragem*, por Chateaubriand.
29 e 30 — *Ultimos dias de Pompeia*, por Lord Lytton.
31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
32 — *O Alfageme de Santarêm* e *D. Filipa de Vilhena*, por Garrett.
33 — *Flor d'Alisa*, por Lamartine.
34 — *Maria da Fonte*, por C. C. Branco.
35 — *O ilustre Dr. Mateus*, por Erkmann-Chatrian.
36 — *Cláudio*, por Lamartine.
37 — *Dama das Camelias*, por A. Dumas.
38 — *No Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
39 — *Manon Lescaut*, pelo Abade de Prévost.
40 — *Contos escolhidos*, por J. Brandão.
41 — *Os Sacrificados*, por J. Grave.
42 — *O Senhor Deputado*, por J. L. Pinto.
43 — *Eugénia Grandet*, por Balzac.
44 — *Os que amam e os que sofrem*, por J. Grave.
45 — *Infâmia de Frei Quintino*, por U. Loureiro.